

Revista ADVENTISTA

ABRIL - 2009



Duas Perguntas
que a Igreja Deve Fazer



Pense...

“... Louvemos a Deus pela oportunidade de viver para glória do Seu nome.

Que as novas bênçãos de cada dia despertem no coração
louvor por esses testemunhos do Seu amor e cuidado.

Quando abrem os olhos pela manhã,
dêem graças a Deus por vos ter guardado durante a noite.

Agradeçam-Lhe pela paz que têm no coração.

De manhã, ao meio-dia e à noite, qual suave perfume,
ascenda ao Céu a vossa gratidão.

Quando alguém vos pergunta como se sentem,
não pensem em qualquer coisa triste para contar
a fim de atrair simpatia.

Não falem da vossa falta de fé
e das vossas aflições e sofrimentos.

O tentador deleita-se em ouvir palavras assim.

Quando falam em assuntos sombrios, estão a glorificá-lo.

Não nos devemos demorar no grande poder de Satanás para nos vencer.

Entregamo-nos muitas vezes nas suas mãos
por falar no poder dele.

Falemos, ao contrário, no grande poder de Deus
para ligar aos Seus todos os nossos interesses.

Falem do incomparável poder de Cristo, e da Sua glória.

Todo o Céu está interessado na nossa salvação.

Os anjos de Deus,
milhares de milhares, e miríades de miríades,
são comissionados a ministrar aos que hão-de herdar a salvação.

Eles guardam-nos do mal,
e repelem os poderes das trevas
que estão a procurar destruir-nos.

Não temos nós motivo para sermos,
a todo o momento,

agradecidos,
mesmo quando existem aparentes dificuldades
no nosso caminho?”

Ellen White

Ciência do Bom Viver, “A Cura Mental”,

Publicadora Atlântico, pág. 253



Escola de Pais Lisboa - 18 de Abril

Entrada livre. Não necessita de inscrição

O Departamento de Educação da UPASD convida pais, membros de igreja e profissionais de educação para a Escola de Pais 2009.

“Da sexualidade à felicidade”

Dr.ª Guida Esteves e Dr. Emanuel Esteves
Médicos de medicina geral e familiar

“A influência dos mass media na educação”

Dr. Paulo Peixoto
Professor e investigador universitário

“A música e a educação”

Dr. Samuel Santos
Maestro e professor

Programa específico para crianças, em simultâneo.

IASD Lisboa Central - Rua Joaquim Bonifácio, 17 1169-150 Lisboa



Sessões simultâneas às 15H30

Repetições às 17H30



DIAS E OFERTAS ESPECIAIS: ABRIL

- 05 Encontros Regionais de Anciãos
- 9-12 Acampamentos Regionais
- 18 Dia da Educação
- 19-24 Formação JA para pastores – Costa de Lavos
- 25 Dia das Publicações

MAIO

- 01-03 Encontro Ibérico de Singles
- 02 Encontro do Colportor Estudante
- 08-10 Escola de Formação JA – Costa de Lavos
- 09 Oferta para a sessão da Conferência Geral de 2010
- 16 Dia Mundial de Baptismos
- 16 Dia do Instituto Bíblico de Ensino à Distância
- 22-24 Escola de Formação JA – Costa de Lavos
- 30 Assembleia Espiritual Nacional

COMUNICAÇÃO

“TEMPO DE ESPERANÇA”

No programa da RTP2 “Fé dos Homens”, com transmissão diária de Segunda a Sexta-feira, às 18h00, a Igreja Adventista terá um espaço na seguinte data:

Na RTP2 Domingo, 5 de Maio às 09H00

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

Este mês teremos o privilégio de orar pelos planos e necessidades dos seguintes campos e instituições da nossa Divisão:

- 06/04-10/04 União Italiana (IU)
- 13/04-17/04 Associação da Renânia Central (SGU)
- 20/04-24/04 Seminário Teológico “Sazava” (CSU)
- 27/04-01/05 União Espanhola (SpU)

Revista ADVENTISTA

ÍNDICE

- 2 **Pense...**
Pense...
- 3 **Anúncio/Memo/Comunidade de Oração**
- 4 **Página do Leitor**
Uma Prece/Receita Para Um Matrimónio Feliz
- 5 **Editorial**
O Mais Importante...
- 6 **Artigo de Fundo**
Duas Perguntas Que a Igreja Deve Fazer
- 10 **Arautos de Boas Novas**
História do Movimento Adventista em Portugal
- 11 **Reportagem**
- 14 **Estilo de Vida**
A Graça salvadora e a Graça Educadora
- 17 **Bíblia**
Jesus Mostra-nos o Pai
- 20 **Ciência e Religião V**
Como os Avanços na Genética Confirmam a Fé na Palavra de Deus
- 24 **Teologia**
Qual Será o Aspecto do Anti-Cristo?
- 27 **Ministérios da Criança**
A Regra de Ouro
- 28 **Opinião**
Nascer Para Morrer?...
- 30 **A Igreja em Acção**
- 32 **Devocional**
O Sermão da Montanha
- 35 **Reflexão**
Como Evitar a Apostasia



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

LARA VARANDAS

Revista ADVENTISTA

“Eis que cedo venho”

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-lo melhor e manter a esperança da Sua breve volta.

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S.A.

Director: Eduardo Teixeira
Coordenador Editorial: Manuel Ferro
Chefe de Redacção: Paulo Sérgio Macedo
Colaboradores de Redacção: Ernesto Ferreira e Lara Varandas
Programação Visual e Diagramação: Sara Sayal

São bem-vindos todos os manuscritos, mesmo os não solicitados, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o número de telefone e fax, se for o caso. Se forem enviadas fotos, elas só serão devolvidas em caso de pedido expresso, senão ficam a fazer parte do arquivo da Publicadora SerVir.
E-mail: revista.adventista@pservir.pt

Proprietária e Editora:
 Publicadora SerVir, S.A.
 R. da Serra, 1 – Sabugo
 2715-398 Almargem do Bispo
 Tel. 219 626 200 – Fax 219 626 201

Director Comercial: Enoque Pinto
Controlo de Assinantes:
 (Assinaturas, Facturação e Alteração de Moradas)

Responsável: Paula Raimundo
 R. da Serra, 1 – Sabugo
 2715-398 Almargem do Bispo
 Tel. 219 626 200 - Fax 219 626 202

Expedição e Armazém:
 R. da Serra, 1 – Sabugo
 2715-398 Almargem do Bispo
 Tel. 219 626 200 - Fax 219 626 202

Impressão e Acabamento:
 Tipografia Rolo & Filhos II
 Tiragem: 1800 exemplares
 Depósito Legal Nº 1834/83
Preço: Número Avulso: €1,70
 Assinatura Anual: €17,00

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO E.R.C. –
 DR 8/99 artº 12º Nº 1a
 ISSN 1646-1886

Ano 60 – Nº 743 / ABRIL 2009



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

As Vozes da Igreja



Uma Prece

No cimo da montanha, Senhor,
 Ou junto às ondas do mar,
 Escuta-me, ó Pai, quando eu orar!
 Ouve, Bendito Deus, o meu louvor!

Eu sei que sou um pecador,
 Mas ouve o meu constante suplicar...
 Porque a Ti, querido Pai, quero louvar,
 Com fé, esperança e muito amor.

Eu suplico-Te, ó Deus Onnipotente,
 Que a Tua paz esteja aqui presente,
 E nos inunde com a sua intensa luz...

E vendo, em pensamento, o Infinito,
 Eu rogo-Te, Pai Bendito:
 Envia-nos, Senhor, Cristo Jesus!

João Santos
Caminha, 4 de Setembro de 1992

Enviar para:

Revista Adventista
 (A/C Lara Varandas)
 Publicadora SerVir, S.A.
 Rua da Serra, 1
 Sabugo
 2715-398 Almargem do Bispo

ou para: lara.pservir@sapo.pt

Receita Para Um Matrimónio Feliz

3 chávenas de amor	4 colheres de esperança
3 chávenas de paixão	2 colheres de ternura
1 chávena de perdão	1 litro de fé
1 chávena de amigos	1 copo de sorrisos

Junte o amor à paixão e misture bem com uma colher de ternura.
 Adicione o perdão, os amigos e a esperança.
 Coloque a restante ternura e envolva com fé e sorrisos.
 Coza com a luz do sol e sirva diariamente em quantidades abundantes.

Sara Sayal
Igreja de Alvalade

Lara Varandas
Redactora da Publicadora SerVir

O mais importante...

“**P**asso pela vida como um transeunte no seu caminho para a eternidade, feito à imagem de Deus, mas, porque esta está desfocada, necessito de aprender como meditar, como louvar, como pensar.” – Donald Coggan.

Não sei se aconteceu ou se foi invenção dum pregador mais criativo. Mas é assim que me lembro da história. Era um Sábado de manhã e, como sempre acontecia, aquela irmã foi a primeira a chegar à igreja. Devido ao peso da idade, deslocava-se com dificuldade, mas não queria depender de ninguém. Por isso, saía mais cedo de casa. Tinha de ser assim. Os serviços religiosos, no seu entender, decorreram com a alegria e o louvor de sempre. Ao começarem a cantar o último hino, iniciou-se o percurso contrário. Era a primeira a descer aquelas escadas que lhe pareciam enormes, e depois esperava pelos outros para cumprimentar e ser cumprimentada. Mas, nesse dia, quando faltavam ainda meia dúzia de degraus para chegar ao hall de entrada, quase que foi atropelada por um casal jovem que, atrasado, tentava chegar a tempo de participar nalguma coisa dos serviços. Ao vê-la, perguntaram ofegantes: “Já acabou?” A resposta foi pronta: “Bom, já cantámos, já orámos, ouvimos o boletim missionário, fizemos a revisão da lição da semana, voltámos a cantar e a orar, ouvimos um hino que o coro dos jovens cantou muito bem, lemos a Bíblia e o pastor já pregou. Tenho a certeza de que este é o último hino da manhã. Mas o culto não acabou. Agora é o tempo de o vivermos na nossa vida!”

Se aconteceu ou não, pouco interessa. O que realmente conta é a ideia que a história passa. Tantas vezes, consciente ou inconscientemente, nos transformamos em “adventistas ao sétimo dia”. São tantas as razões ou as desculpas! A superficialidade tornou-se parte da nossa era. A doutrina da satisfação instantânea é um problema espiritual individual e colectivo. Necessitamos desesperadamente da

profundidade de uma vida constante com Cristo. Não devemos pensar que esta está reservada apenas para alguns, os gigantes espirituais. Ao contrário, Deus espera um relacionamento constante do comum dos mortais: pessoas que estão ocupadas com os seus trabalhos, com os seus estudos, que se preocupam com os filhos, que têm de lavar os pratos ou deitar o lixo nos contentores. Uma vida coerente com Cristo revela-se

e desenvolve-se através dos nossos relacionamentos no seio da família, com os amigos e vizinhos.

Acredito que o requisito essencial para que isso seja possível, é bem expresso pelo salmista: “COMO o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus! A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo: quando entrarei e me apresentarei ante a face de Deus?” (Salmo 42: 1, 2). Esta é uma realidade espiritual, da minha vida interior, profunda. A atitude do coração é mais crucial para cultivar a presença de Deus na minha vida, do que os mecanismos de uma série de deveres espirituais. Durante algum tempo é sempre possível mostrar outra coisa,

mas, num momento de guarda baixa, um pequeno deslize mostrará a verdadeira condição do coração, porque, quando estamos uns com os outros, o que verdadeiramente somos vem ao de cima. Na carta aos Romanos, 35 vezes é utilizada a noção de que a justiça não é atingível pelo esforço humano, mas pela intervenção divina, num coração que O busca.

Leon Tolstoy faz a observação de que “todos pensam em mudar a humanidade, mas ninguém pensa em transformar-se a si mesmo”. Que cada um de nós seja um dos que, pela continuidade duma vida espiritual diária (aqui incluo a oração, a meditação, o louvor, o jejum), se colocam nas condições em que Deus possa abençoar com a transformação de uma vida espiritual profunda como um bem extraordinário que o Senhor nos oferece. ■



Rúben de Abreu
Secretário da UPASD

Uma canção popular antiga dizia qualquer coisa do gênero: “O que o mundo precisa agora é de amor, doce amor... Não só para alguns, mas para todos.”

Será isto verdade?

Às vezes não parece que uma demonstração do poder imenso de Deus tornaria as coisas mais fáceis para Ele, e para nós? Um pouco mais de poder e um pouco menos de amor poderia mostrar o que Deus é capaz de fazer. Alguns milagres espantosos realizados nos lugares certos poderiam eliminar qualquer dúvida acerca da Sua existência. O poder fala à nossa época com uma autoridade convincente.

Mas quando penso neste assunto, percebo que o poder pode fazer tudo menos a coisa mais importante: o poder não pode criar amor. O amor verdadeiro é uma resposta. Não pode ser exigido nem imposto.

Um dia no jardim

Não fazemos a mais remota ideia de durante quanto tempo Deus sonhou com o dia em que poderia interagir com Adão e Eva – criaturas especiais criadas à Sua própria imagem (Gén. 1:26). Mas consigo imaginar o coração de Deus destroçado quando Ele entrou no Jardim do Éden depois de Adão e Eva Lhe terem desobedecido. Foi à procura deles, mas estavam escondidos.

A Bíblia diz em Génesis 3 que, quando Adão e Eva ouviram que Deus Se aproximava, sentiram medo e esconderam-se. Como é que alguém se pode esconder de Deus? Que arbusto, que rochedo, que caverna é suficientemente grande para nos esconder de Deus? Deus sabia exactamente onde eles estavam, mas perguntou na mesma: “Onde estás?” (Gén. 3:9).

O objectivo de Deus não era condená-los pelos erros que tinham cometido. Ele podia tê-los destruído tão facilmente como os tinha criado. Ele sabia que se tinham encontrado com a serpente, então porquê perguntar o óbvio?

Deus foi ter com eles porque não tinha outra escolha. Como um íman, o amor de Deus foi à procura daqueles que Ele amava. Ele foi, e ainda vem, à procura daqueles que estão escondidos. Deus ainda pergunta: “Onde estás?” Quando são pronunciadas por um Deus que tudo sabe, que tudo vê, que tudo pode e que é amor, essas palavras têm poder! “Onde estás?” Ele sabia onde eles estavam, e foi precisamente por isso que fez a pergunta.

Era muito mais do que uma questão de localização geográfica; no âmago da pergunta de Deus havia um apelo carinhoso: “Onde estão na vossa relação comigo? O que é que vos levou a esconder? Ainda somos amigos?” Deus estava a dizer: “Já se esqueceram dos passeios que demos juntos? Puseram de parte os

Duas Per que a Igreja Dev



Perguntas que Fazem



LARRY R. EVANS

momentos de partilha em que abrimos o coração uns aos outros?”

Adão e Eva responderam apontando um dedo acusador a Deus, depois um ao outro. A pergunta “Onde estás?” era a maneira carinhosa que Deus tinha de lhes dar uma oportunidade de serem honestos consigo mesmos. Mas revelou-se ser demasiado dolorosa.

Primeira pergunta

Hoje, vocês e eu somos as mãos e os pés de Deus – os Seus embaixadores. Hoje, a Igreja deve fazer a mesma pergunta – primeiro a nós mesmos, depois aos outros: “Onde estás?”

Onde estamos? Onde estamos como corpo de crentes? O meu coração de pastor sabe que ao alcance da minha voz existem pessoas que se escondem, pessoas que enfrentam lutas. Algumas foram feridas por outros; outras perderam o respeito próprio e não sabem para onde se voltar. Escondem-se, talvez, não tanto de Deus, mas dos seus próprios erros, da sua natureza humana.

Ao esconderem-se, muitas pessoas estão a afastar-se de Deus – muitas vezes, só alguns centímetros de cada vez, mas essa separação aumenta quase imperceptivelmente. Para elas, a voz de Deus no jardim reaviva recordações dolorosas – talvez de imagens erradas de Deus ensinadas por outros, por palavra ou por exemplo. Para outras pessoas, a voz de Deus, a voz que amaram e reverenciaram, é vista agora como uma voz de condenação, em vez de um apelo ao regresso. Intensos sentimentos de culpa, e, por vezes, de ira, sufocam o gentil convite do Espírito. A presença de Deus invade a solidão daqueles que estão escondidos. E isso nem sempre é visto como um convite para voltarem a unir-se à família. Alheiam-se de Deus e da Sua Igreja. Rejeitam Deus porque se sentem rejeitados.

E o que é que Deus diz, quando encontra alguém escondido? Palavras de condenação? Claro que não! Deus simplesmente faz uma das duas perguntas fundamentais que a Igreja deve fazer aos seus membros e àqueles que estão ao alcance da sua influência: “Onde estás?”

Nessa pergunta vai toda a certeza de esperança para uma vida nova – um novo começo, através do qual as mágoas, os desapontamentos e as oportunidades perdidas podem ser deixados para trás. Se ao menos – ao menos – aqueles que estão escondidos, os irados, os magoados pudessem sentir que quando Deus bate à porta do seu coração é para lhes proporcionar cura e para restaurar a sua unidade, para os ajudar a encontrar esperança outra vez!

Deus tem uma atitude positiva. Pode o mesmo ser dito de nós, que somos a Igreja?

Segunda pergunta

Mas “Onde estás?” não é a única pergunta que a Igreja

deve fazer aos seus membros; há outra, que é, de certa forma, uma extensão da primeira. Se a Igreja quiser ser fiel à sua missão, deve repeti-la constantemente. Originalmente, ela foi usada por Deus com o mesmo tom de apelo e carinho que a primeira. Mas, desta vez, Deus inseriu-a numa situação diferente.

Enquanto a primeira pergunta “Onde estás?” (Gén. 3:9), foi dirigida a Adão e Eva, a segunda pergunta foi feita a Caím: “Onde está o teu irmão?” (Gén. 4:9).

Quando Deus confrontou Caím com a pergunta “Onde está o teu irmão?”, estava a dar-lhe uma segunda oportunidade.

Mas ele respondeu com uma mentira: “Não sei.” Caím certamente sabia onde jazia o cadáver do seu irmão. A terrível realidade do seu acto corroía-o por dentro, e respondeu a Deus com uma pergunta sua: “Sou eu o guardador do meu irmão?”

A resposta de Caím era desafiadora e evasiva. Caím devia ser o guardador do seu irmão? A resposta mais vulgarmente dada é “sim”. Caím devia ser o guardador do seu irmão.

Mas, na minha opinião, a resposta certa é um enfático “não!”.

“Guardador” versus “irmão”

Todo o problema de Caím, em Génesis 4, gira à volta da palavra “guardador” – a palavra que ele, não Deus, utiliza.

A forma verbal dessa palavra ocorre mais de 450 vezes no Velho Testamento. Em todas essas ocorrências, não há uma única vez em que Deus espere que um ser humano seja “guardador” de outro ser humano.

A palavra “guardador” e outras formas do mesmo verbo, eram usadas frequentemente em relação ao cuidado protector de Deus. Deus é o guardador do Seu povo do concerto, e dos grupos e pessoas que dele fazem parte.

Quando os seres humanos têm um papel de “guardador”, tem que ver, normalmente, com propriedades ou animais. As pessoas “guardavam” alimentos, rebanhos, dinheiro, coisas de valor.

Quando se tratava de guardar pessoas, era geralmente em relação a prisioneiros. A História está cheia de relatos de gente que tentou ser “guardadora” daqueles a quem queriam violentar ou manipular. “Guardar” é a marca distintiva de todas as formas de escravatura.

Olhando mais de perto a história, vemos que a pergunta de Caím era uma tentativa de fugir à sua responsabilidade primária. Embora ele soubesse que não tinha de ser o “guardador” do seu irmão, também sabia que tinha posto de lado o verdadeiro papel de “irmão”. Mesmo sendo Abel seu irmão, Caím tinha tolerância zero para ele. Não conseguia aceitar que Abel tivesse pontos de vista diferentes dos seus, que o acto de culto a Deus, praticado por Abel, fosse aceite ou que Abel fosse aceite por Deus de forma tão clara.

Caím falhou, porque agiu como um “guardador”. Falhou porque não era verdadeiramente um irmão. A palavra “irmão” é usada seis vezes em Génesis 4:6-14. Seis vezes a Bíblia enfatiza o relacionamento especial entre Abel e Caím.

Antes do crime, Deus tentou avisar Caím dos

perigos da sua atitude. Deus intuitivamente perguntou: “Porque te iraste? E porque descaiu o teu semblante?” (Gén. 4:6). Apesar da intervenção de Deus, a ira presente no coração de Caím levou-o a deixar de ser um “irmão” compassivo, para passar a ser um “guardador” controlador; passou de protector a assassino.

Depois, tal como tinham feito os seus pais, Caím tentou esconder-se das perguntas de Deus. Mas o amor de Deus não podia abandoná-lo. Mais uma vez, sob a forma de uma pergunta, Deus estendeu a mão a alguém que tinha caído.

Estas duas perguntas – “Onde estão na vossa relação com Deus?” e “Onde estão na vossa relação com o vosso irmão?” resumem tudo o que Deus pede de nós.

Elas recordam-nos a resposta dada por Jesus à pergunta sobre qual era o maior mandamento. Ele disse: “Amar a Deus, e amar o próximo como a ti mesmo” (ver Mat. 22:37-40).

Cada uma das perguntas revela-nos quem nós somos e quem Deus é. Cada uma delas envolve a possibilidade de restauração. Cada uma é motivada pelo amor, não pela condenação.

Por vezes, as perguntas revelam em nós um espírito de rebelião que nos destruirá assim como aos que nos rodeiam, se não for levado a Deus para ser curado. Deus faz o Seu apelo a cada um de nós e através de cada um de nós. A história por detrás da pergunta é profunda e fala-nos do nosso papel como embaixadores de Deus.

“Onde está o teu irmão, a tua irmã?” é a pergunta que vem do coração de um Deus que Se preocupa intensamente com os caídos, com aqueles que

cometeram erros terríveis. Ele não pode abandoná-los. Os erros não têm que ser o fim da viagem. A esperança pode ser restaurada. Mas quando o amor de Deus é posto de parte, a pessoa culpada acusa Aquele que veio ajudar, guiar, restaurar. A história de Caím e Abel é a resposta para um problema mais grave, mais amplo que existe nos nossos lares e nas nossas igrejas.

Tendo isto em mente, as palavras de Ellen White fazem-nos pensar e são um sinal de alarme: “Qualquer homem, seja ele ministro ou leigo, que procura forçar ou controlar a razão de qualquer outro homem, torna-se um agente de Satanás e faz o seu trabalho, e aos olhos do universo celestial, tem a marca de Caím” (*Comentário Adventista do Sétimo Dia*, vol. 1, pág. 1087).

O amor pode complicar as coisas. Pode levar mais tempo, mas é o melhor método.

O método de Caím baseia-se na condenação e usa a força para conseguir a conformidade. Embora Deus confronte as pessoas, tenta restaurar, através do amor e do respeito, mesmo aquelas que cometeram erros – erros graves (ver Isa. 58:6-9).

O que diz a Bíblia

Recentemente, ao regressar duma viagem à Coreia, vi que, sentada ao meu lado no avião, estava uma jovem coreana. Não sei bem como é que a conversa se desenrolou, mas ela mostrou-se interessada em saber quais os lugares que eu já tinha visitado e qual o trabalho que eu fazia. Expliquei-lhe que viajava com o objectivo de partilhar esperança. (A minha resposta surpreendeu-nos, a ela e a mim!)

Ela perguntou o que é que eu queria dizer e partilhei com ela algumas experiências de viagem invulgares que tive. Contei-lhe a visita que a minha mulher fez ao homem que tinha assassinado a nossa sobrinha e que estava na prisão.

Então ela contou-me que, a dada altura, tinha sido muito sincera no seu cristianismo. Depois, tinha deixado de ir à igreja, porque havia perguntas que ninguém lhe respondia. Decidi não fazer o papel do “homem que tem todas as respostas na Bíblia”. Simplesmente continuei a falar de esperança, apesar das tragédias do nosso mundo.

Mas ela disse-me, quase em desespero: “Eu quero acreditar.”

Continuei a contar-lhe histórias acerca do modo como a esperança passava a existir na vida das pessoas que eu tinha encontrado. Ela interrompeu-me de novo: “Eu quero acreditar!”

Então ela comentou que o que se dizia do Céu não fazia sentido. Na verdade, quem é que quereria ser um corpo espiritual a flutuar sem destino, por toda a eternidade? – perguntou ela.

“Exactamente!”, respondi eu. Em seguida expliquei-

-lhe que a Bíblia não ensina isso, mas que fala de que teremos corpos reais no Céu – tão reais que nos conheceremos uns aos outros.

Antes de eu poder dizer mais alguma coisa, ela quase gritou: “E o inferno, onde as pessoas estão a arder?”

“Que espécie de Deus faria um milagre para manter as pessoas vivas, de maneira a poderem continuar a sofrer?”, perguntei eu. E expliquei-lhe que a Bíblia ensina que Deus põe um fim ao pecado e ao sofrimento.

Ao aproximar-se o fim do nosso voo, partilhei com ela uma apresentação simples do evangelho, em quatro pontos, e pude ver um novo brilho nos seus olhos. Depois de mais algumas trocas de impressões, perguntei-lhe se podia orar com ela. Pareceu surpreendida, mas disse que sim. E assim, num avião a 10 000 metros de altitude, orámos.

Não consigo descrever a paz que parecia inundar o seu rosto, nem o quanto as suas palavras de apreço significaram para mim. Naquele dia, presenciei uma restauração, um milagre com os meus próprios olhos.

Amor em acção

De vez em quando oiço dizer que o que o mundo precisa é de amor. E, em certo sentido, concordo. Mas, muitas vezes, esse amor tem de ser explicado. A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem, pelo menos, 28 maneiras de falar acerca da graça de Deus – 28 maneiras de partilhar esperança. Quem me dera que as víssemos mais como “sinais de esperança” do que como fórmulas doutrinárias escritas.

Aquela conversa no avião revelou alguns mal-entendidos acerca de duas dessas Crenças Fundamentais, que tinham minado a fé daquela mulher. Não tenho a menor dúvida de que Deus fez as coisas de maneira que ficássemos lado a lado, de modo que um “irmão” – não um “guardador” – pudesse levar esperança e luz à vida daquela mulher.

“Há uma vela em cada alma – algumas estão acesas e brilham, outras estão apagadas e frias. Peguem na vossa vela; corram para a escuridão; procurem os solitários, os cansados e os magoados.”

Ao fazerem isso, tenham a certeza de terem sempre presentes no vosso espírito as duas perguntas de Deus: “Onde estás?” e “Onde está o teu irmão?” ■

Larry R. Evans

Vice-secretário na Secretaria da Conferência Geral

História do Movimento Adventista em Portugal

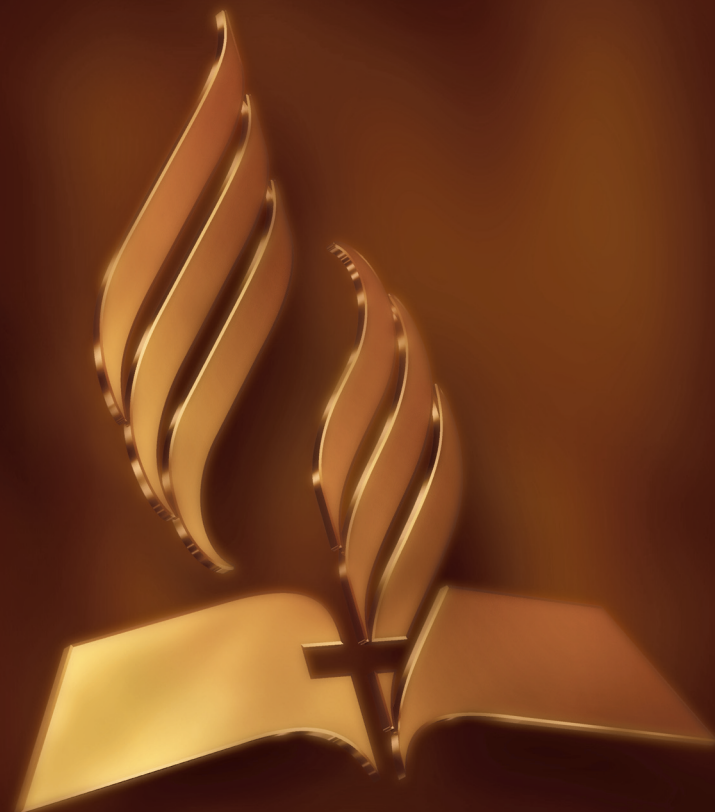
Breve historial da Obra Adventista em Portugal, apresentada por ocasião do lançamento do livro do Pastor Ernesto Ferreira, "Arautos de Boas Novas", na Igreja Central de Lisboa. – Nota da Redacção

Estava-se em Setembro de 1904, quando um jovem missionário norte-americano, Clarence Rentfro, sem quaisquer conhecimentos da nossa língua, aqui aportou. Não esqueçamos que Portugal era ainda uma Monarquia, por sinal então já bastante contestada, e com o peso do catolicismo ainda bem arreigado nas consciências. Tendo em consideração tais dados, imagine-se as dificuldades que Rentfro iria experimentar para assentar os primeiros fundamentos da Igreja, neste recanto da Europa ocidental.

Em Junho de 1906, uma primeira Escola Sabatina teve lugar em casa de Lucy Portugal, uma senhora de origem inglesa, viúva do conhecido cantor de ópera português da época, António Portugal. Ela e três membros de uma tal família Figueiredo tornaram-se os primeiros membros da Igreja quando, três meses depois, foram baptizados na praia de Carcavelos.

Era esse o humilde arranque da que seria a Missão Portuguesa integrada numa União Latina e que em meados dos anos vinte passaria a formar com a Espanha uma União Ibérica. Os primeiros membros começaram por se reunir na Rua de S. Bernardo à Estrela, 120, mas as mudanças de local de culto foram então algo frequentes. Seria preciso esperar por Novembro de 1924 para se inaugurar o que foi o primeiro Templo digno desse nome no país. (Estamos a falar das instalações onde hoje funciona a Igreja Central de Lisboa).

Inevitavelmente foi necessário, nesses primeiros anos, receber o apoio de missionários estrangeiros. Por cá passaram o Pastor brasileiro Ernesto Schwantes que iniciaria o trabalho na cidade do Porto entre 1906 e 1910, os Pastores suíços, Paul Meyer de 1910 a 1924, e



Jules Guenin, com passagem efémera nos anos de 1924-25. Poderíamos ainda mencionar os Pastores britânico H. Lowe (director de 1925-28), americano Harry Neuman (1930-37) e grego A. Girou (1939-1941).

Quanto à integração de obreiros nacionais, ela foi sendo feita desde cedo. Curiosamente, o ano em que Salazar conseguiu impor a Constituição do Estado Novo, ou seja, 1933, foi o ano em que o Pastor Dias Gomes se tornou o primeiro nacional a dirigir a Missão Portuguesa (o Pastor Alberto Raposo tivera essa experiência entre 1928-30, mas interinamente). Em 1935, a Missão passa a Conferência Portuguesa. Aliás, nesse mesmo ano seriam aprovados, oficialmente, os estatutos da organização adventista em Portugal. As dificuldades criadas pela Guerra Civil no país vizinho conduziram à dissolução da União Ibérica e à criação de uma União Portuguesa (Setembro de 1939), que incorporaria os campos da Conferência Portuguesa e as Missões da Madeira, Açores, Cabo Verde e São Tomé.

A actividade da Igreja, que, durante os primeiros anos, se limitara apenas à capital e ao Porto, foi-se estabelecendo em cidades como Portalegre e Tomar nos anos 20, em Coimbra, no Barreiro, Vila Real de Santo António e no Funchal durante os anos 30. Com os anos 40, a Igreja iria irradiar o seu trabalho para novos lugares como Setúbal, Nisa, Faro, Avintes e Canelas.

O número de membros que, no início dos anos 1930, era de apenas 228, atingiria o meio milhar no espaço de uma década e ultrapassaria a barreira do milhar ao chegar-se aos anos 50. Claro está que poderíamos acrescentar os irmãos que iam sendo conquistados nas Missões do Ultramar, à época incluídas no espaço da União Portuguesa. Ao comemorar-se o cinquentenário (1954) seriam 2003 os membros baptizados nesse espaço alargado, reunidos em 21 igrejas.

Marco histórico que não se pode ignorar na evolução da Igreja em Portugal é o ano de 1974, com a chegada de muitos membros das antigas colónias ultramarinas, os quais, de algum modo, vieram contribuir para o incremento do movimento adventista no país. Hoje, passados outros 50 anos na História do Movimento, são mais de 120 as igrejas e grupos, com cerca de 15 000 membros e simpatizantes a darem testemunho da sua fé.

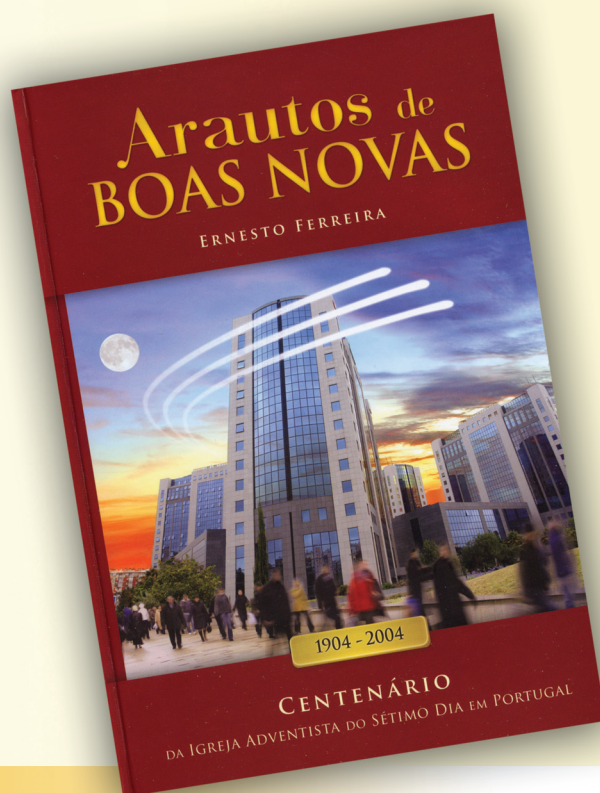
Retomando a lista dos Presidentes da União Portuguesa, regista-se em 1950, o final do mandato do Pastor Dias Gomes, que se manteve 17 anos na Missão e Conferência e 8 na União. O cargo foi depois confiado ao Pastor Ernesto Ferreira, que iria presidir aos destinos da Igreja em Portugal por três mandatos (o 1º até 1957, um 2º de 1969-74 e um 3º de 1977 a 1979). Não podemos omitir as figuras dos outros

presidentes nas pessoas dos Pastores Pedro Ribeiro (1958), Armando Casaca (1959-1969), António Baião (1976-77), Joaquim Morgado (1979-1992), Joaquim Dias (1992-97), Mário Brito (1997-2006) e, por fim, o actual presidente José Eduardo Teixeira.

Estruturada em Áreas de Departamentos (como a do Evangelismo, Escola Sabatina e Ministérios Pessoais; da Mordomia; das Publicações; da Saúde e Temperança; da Educação; do Lar e Família, Mulher e Ministérios da Criança ou da Juventude), e em Associações e Instituições, a Igreja tem desenvolvido intensa actividade ao longo destes anos, na prossecução da obra que ao remanescente foi confiada e cuja conclusão, estamos convictos, não tardará. ■

Maranata

Horácio Caprichoso
Professor reformado



Reportagem

A Igreja Central de Lisboa recebeu, no passado dia 31 de Janeiro, a apresentação formal do livro *Arautos de Boas Novas*, da autoria do Pastor Ernesto Ferreira, comemorativo do Centenário da presença da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal. A ocasião serviu para que todos os irmãos e irmãs que marcaram presença no local se juntassem a este momento festivo,

o lançamento de uma obra que cobre os 100 anos da Igreja desde o dia em que, em 1904, Clarence Rentfro, missionário norte-americano, pisou o solo luso.

A cerimónia, sóbria mas emotiva, contou com diferentes intervenções e participações, com o objectivo de apresentar o livro, para louvar o Senhor, através da oração e da música.

O Professor Horácio Caprichoso apresentou uma curta resenha histórica da Igreja em Portugal, que transcrevemos na íntegra nas páginas 10 e 11. O Pastor Rúben de Abreu teve a responsabilidade de traçar o perfil do autor da obra, enquanto Paulo Sérgio Macedo fez uma sinopse ao objectivo, percurso e conteúdo do livro. Seguiram-se as palavras do Pastor Eduardo Teixeira e do Pastor Mário Brito, ex-Presidente da UPASD, através de uma mensagem lida pelo Pastor Daniel Vicente.

Os momentos especiais de louvor através da música foram da responsabilidade de Michel Gal, João Paulo Reya e do Coro da Igreja de Sangalhos.

Mas o ponto alto do programa foi, sem dúvida, a entrevista ao Pastor Ernesto Ferreira. Embora em recuperação de um acidente, o autor do livro esteve presente nesta cerimónia e foi entrevistado pelo Pastor Artur Machado, responsável pelo Departamento de Comunicação. Para além da descrição de todo o processo de execução da obra, o Pastor Ferreira teve ocasião de expressar, publicamente, a sua gratidão a Deus, “que tantas vezes me viu de joelhos, suplicando auxílio para a minha preocupante incapacidade e nunca me deixou sem resposta. A Ele seja prestada toda a glória!”

Foi para todos os presentes motivo de grande satisfação e um momento de inspiração, apreciar o testemunho de alguém que, aos 95 anos, com a visão muito afectada, conseguiu, sob a bênção divina, concluir um projecto com 7 anos e oferecer à Igreja um documento que constitui parte da memória do seu passado. Obrigado, Pastor Ferreira. Glória a Deus, que tanto ama a Sua Igreja.

A razão de ser de um livro

Na fase preparatória da celebração do Centenário (...) tornou-se evidente a necessidade de publicação de um álbum ilustrado (...). (...) E porque não editar, além de um simples álbum, uma história pormenorizada dos principais eventos ocorridos (...)?

E.F.

O Método

Comecei por reunir todos os apontamentos manuscritos, cópias dactilografadas e fotocópias sobre o assunto, que ao longo dos anos fora acumulando. Passei, depois, a uma permanente consulta de revistas editadas pela Igreja, tanto em Portugal como no estrangeiro, e de relatórios e outros



Apresentação da sinopse do livro por Paulo Sérgio Macedo



Leitura da carta enviada pelo Pr. Mário Brito feita por Pr. D. Vicente



Participação do coro da Igreja de Sangalhos



Pr. Artur Machado entrevista o Pr. Ferreira

documentos guardados no Arquivo da União Portuguesa. Por fim, a par de toda esta actividade silenciosa esteve sempre presente o recurso às mais variadas fontes de informação oral.

E.F.

Como igreja cristã evangélica, a Igreja Adventista do Sétimo Dia procura viver e pregar o Evangelho Eterno, ponto de confluência de todas as igrejas evangélicas.

E.F.

SINOPSE DO LIVRO *ARAUTOS DE BOAS NOVAS*

PRÓLOGO

A razão de ser de uma obra.

I – INTRODUÇÃO

- Reavivamento espiritual de XIX
- Despertamento profético
- Nascimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia
- Missão global da IASD: Portugal

II – PIONEIROS

- A chegada e a vivência dos Rentfro
- Primeiros locais de culto
- Primeiros baptismos
- Início do trabalho desenvolvido pelos membros

III – TRAJECTÓRIA DO CENTENÁRIO

Descrição dos principais momentos, eventos e personagens da História da Igreja, de 1904 a 2007, por ordem cronológica e dividida pelas datas das Presidências do campo nacional.

(Trajectória Sectorial)

- IV – Missões da UPASD (321-352)
- V – Departamentos e Evangelismo Público (403-550)
- VI – Associações (557-577)
- VII – Instituições e Serviços (585-640)
- VIII – Roteiro Histórico das Igrejas e Grupos (641-771)

EPÍLOGO

Apresentação da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a partir da sua fundação na revelação da profecia bíblica, da sua vocação missionária e da sua esperança no breve retorno de Jesus.



Os colaboradores directos na preparação do livro: António Barradas, Marisa Ferreira e António Narciso



O Pr. Ferreira autografa um livro



O Pr. Ferreira autografa um livro



A Graça Salvadora e a Graça Educadora

MIGUEL ÂNGEL ROIG

Conselhos de Paulo a Tito.

A carta a Tito faz parte das chamadas epístolas pastorais e foi enviada por Paulo da cidade de Nicópolis (3:12) ao seu jovem colaborador Tito, que exercia o seu ministério na famosa ilha de Creta (1:5).

Como acontece em todas as epístolas pastorais, o conteúdo desta carta é eminentemente prático. Paulo dá a Tito conselhos precisos sobre como organizar a igreja e como corrigir defeitos graves da mesma, provocados, por um lado, por falsos mestres, especialmente os judaizantes (1:10, 14); e, por outro lado, pelos próprios

cretenses que, segundo eles mesmos, tinham fama de ser “mentirosos, bestas ruins, ventres preguiçosos” (1:12). Não há dúvida de que todo este ambiente de desleixo e de religião formalista (1:15, 16) se estava a infiltrar entre os cristãos cretenses e Paulo encoraja Tito a propor-lhes uma moral diferente, baseada nos grandes princípios da prática cristã.

Os princípios cristãos

O capítulo 2 da epístola começa com a conjunção adversativa “porém” (grego *de*), cuja ênfase não pode ser ignorada. Nos versículos anteriores, Paulo põe a nu as deficiências dos cretenses, mas, perante essa atitude negativa, Tito deve esforçar-se por apresentar “a sã doutrina”. Com esta expressão, usada apenas nas epístolas pastorais (1 Tim. 1:10; 2 Tim. 4:3; Tito 1:9; 2:1), Paulo encoraja Tito a exortar os cretenses a viverem de acordo com os princípios da Palavra de Deus, que nada têm a ver com a moral cretense.

Nos versículos 2 a 10 do capítulo 2, Paulo menciona como é que Tito deve instruir diversos tipos de pessoas: os anciãos, as anciãs, os rapazes e as raparigas, os recém-casados e os escravos.

Quando lemos o alto nível de exigência moral que o apóstolo pretendia que estas pessoas alcançassem, incluindo o próprio Tito (2:7-8), perguntamo-nos se não será utópico ou demasiado alto o que o apóstolo propõe. Como é possível viver desta maneira o cristianismo num ambiente tão hostil como aquele em que viviam os cristãos de Creta? Penso que o próprio Tito fazia a si mesmo esta pergunta e Paulo dá-lhe a solução.

O versículo 11 (capítulo 2) começa com a conjunção causal “porque” (grego *gár*). As exigências da moral cristã são elevadas, mas Paulo está a dizer a Tito e aos crentes de todos os tempos que não se devem preocupar, porque Deus sabe como proceder para alcançar este objectivo: “Porque a graça de Deus se manifestou, trazendo salvação a todos os homens, ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos, neste presente século, sóbria, justa e piamente” (2:11-12). Viver um cristianismo autêntico é possível, porque a graça de Deus trabalha constantemente em mim e em ti para que assim seja.

Examinemos mais pormenorizadamente esses dois versículos.

A graça salvadora

No versículo 11, o substantivo graça (grego *xáris*) está acompanhado por um adjetivo (*soterios*, salvadora), que pode ser traduzido de duas maneiras:

- 1) A graça salvadora (adjectivo qualificativo) de Deus manifestou-se a todos os homens;
- 2) A graça de Deus manifestou-se como salvadora

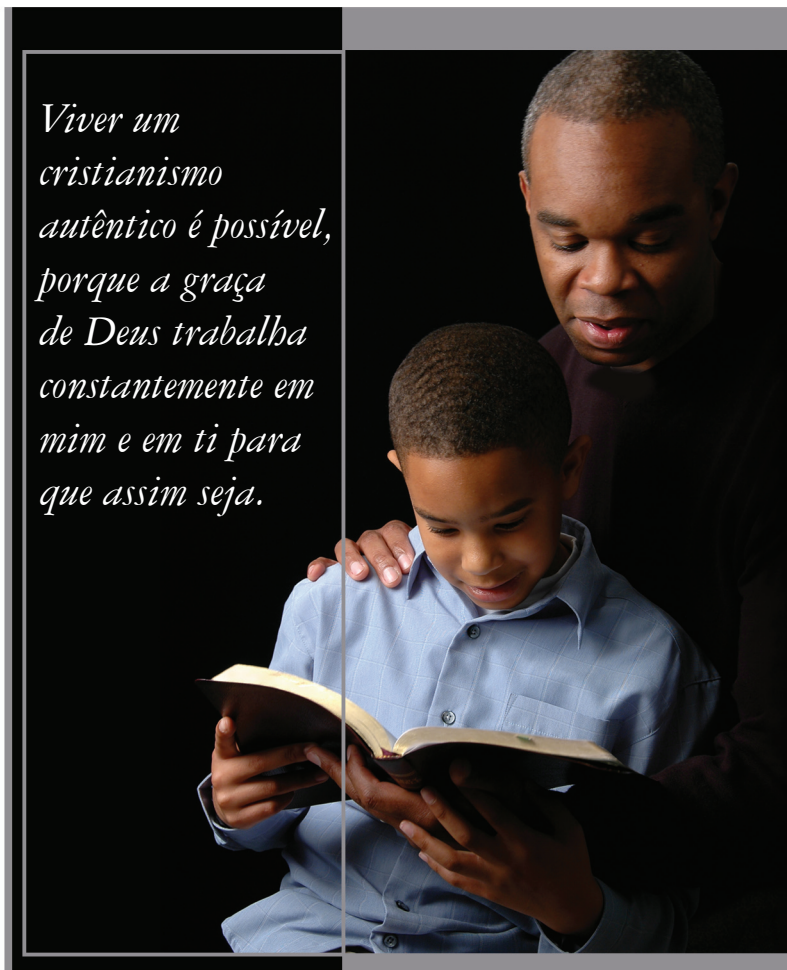
(adjectivo predicativo) a todos os homens.

A maioria das versões da Bíblia inclinam-se para esta última tradução. Utilizado como adjectivo, este vocábulo só aparece neste texto do Novo Testamento¹ e equivale a dizer que a graça de Deus é uma realidade em cada ser humano e proporciona-lhe salvação (cf. Efé. 2:8). Esta é a grande verdade da fé cristã. A salvação do homem só é possível pela graça de Deus, e esta manifestou-se generosamente a todos os homens. Ninguém é excluído, a não ser aqueles que se excluem voluntariamente.

A graça educadora

Mas a graça de Deus não se detém aí. Alguns defendem que, quando o homem acede a essa graça através da fé, a função da graça terminou e ponto final. No entanto, o apóstolo Paulo diz-nos que não é assim. A graça continua a actuar no ser humano e vai-o transformando, pouco a pouco, em consonância com os grandes valores do cristianismo. Por outras palavras, essas altas exigências morais que Paulo, através de Tito, apresentava aos crentes de Creta são possíveis, porque a graça redentora e restauradora de Deus trabalha no homem para que assim seja.

Viver um cristianismo autêntico é possível, porque a graça de Deus trabalha constantemente em mim e em ti para que assim seja.



O versículo 12 começa com um particípio presente activo (*paideúousa*, no grego), que a maioria das versões traduz por “nos ensina” ou “ensinando-nos”. A força deste particípio merece ser destacada por várias razões.

Em primeiro lugar, trata-se de um particípio feminino singular, e concorda em género, número e caso com a palavra “graça” do versículo 11, que é o seu sujeito.

Em segundo lugar, o verbo grego que aqui é traduzido por ensinar não é *didasco*, mas sim *paideuo*. Este último verbo, mais do que ensinar, significa educar no sentido mais nobre da palavra. A graça de Deus actua no homem, educando-o sobre como deve comportar-se em qualquer circunstância. *Paideuo* implica guiar, corrigir, repreender, admoestar, orientar, etc.. A graça de Deus, diz Paulo, vai-nos educando para rejeitarmos o que é negativo, para nos protegermos (esse é o significado do verbo *arneomai*) e para vivermos de maneira ponderada (grego, *sofrosos*), justa (grego *dicaios*) e piamente (grego *eusebos*).

Gosto muito da maneira como Paulo descreve as acções de Deus para com o homem, em termos educativos. Longe de impor, Deus prefere educar o homem, para que este entenda e compreenda a Sua vontade. Por meio da Sua graça, Deus educa-nos para que compreendamos a natureza e as consequências do pecado e vivamos de acordo com os grandes princípios do cristianismo. Na epístola aos Gálatas (3:24), Paulo apresenta a lei como um pedagogo, um mestre, um tutor (grego, *paidagogos*, derivado do verbo *paideuo*) que nos conduz a Cristo. Este texto é mais uma prova de que Deus usa a educação em vez da imposição.

Em terceiro lugar, no particípio grego, mais do que o tempo², o importante é o aspecto verbal. O particípio presente activo indica, sobretudo, uma acção contínua e progressiva no tempo. Isso quer dizer que a graça de Deus não se detém no momento em que se manifesta no homem. Ao contrário, é o ponto inicial. Por isso, a graça de Deus continua a trabalhar no homem, fazendo essa obra de santificação mediante a qual o nosso carácter deve ser transformado enquanto nos preparamos para a segunda vinda (2:13, 14). Nas palavras de Schelkle, “esta graça guia-nos para a conduta moral”³ “aguardando a bendita esperança e a manifestação (grego *epifaneian*) da glória do nosso grande Deus e Salvador (grego *soteros*) Cristo Jesus”⁴ (2:13).

Paulo termina o capítulo (2:15) como o começou. No início (2:1), o apóstolo aconselhava Tito a falar sobre tudo o que estivesse de acordo com a sã doutrina e agora termina, depois de lhe explicar o papel educativo da graça, aconselhando-o a falar disso com toda a autoridade do seu ministério.

Conclusão

É certo que a epístola de Paulo a Tito foi escrita numa época (por volta do ano 65 da nossa era) e em circunstâncias diferentes das nossas. Os crentes de Creta tentavam viver o seu cristianismo no meio de uma problemática que talvez não seja exactamente a actual, mas o coração do homem continua a ser o mesmo agora que era no passado. Hoje como ontem, existe o perigo daqueles que querem impor o formalismo como forma de piedade e daqueles que querem viver seguindo as orientações da sua visão pessoal das coisas e não os princípios divinos. Para uns e outros, a epístola de Paulo a Tito é um chamado vibrante a viver de acordo com a sã doutrina. Os princípios da moral cristã são elevados e não pode ser doutra maneira, mas Deus garante-nos, através da Sua graça salvadora, a redenção e, através da Sua graça educadora, o crescimento espiritual harmonioso que nos levará um dia a sermos semelhantes a Jesus (1 João 3:2).

O meu maior desejo é que nos deixemos educar continuamente pela graça, para desfrutarmos da sua poderosa influência na nossa vida. ■

Miguel Ángel Roig

Director do Seminário Adventista de Sagunto, Espanha

Referências:

1. A. T. Robertson, *Comentário ao texto grego do Novo Testamento*, Tarrasa, Clie, 2003, pág. 593.
2. J. A. Septién, *O grego bíblico ao alcance de todos*, Tarrasa, Clie, 2003, pág. 727.
3. K. H. Schelkle, “σωτηριος 2”, *Dicionário Exegético do Novo Testamento*, H. Balz e G. Schneider (eds.), Salamanca, Sigueme, 2002, Vol. 2, cols 1665-1666.
4. É muito revelador que, no versículo 13, Paulo repita dois termos (*epifaneian* e *soteros*) da mesma raiz que *epifane* (manifestou-se) e *soterios* (salvadora) usados no versículo 11. Isso confirma, de maneira clara, a vontade salvadora de Deus.

MIGUEL ÁNGEL NUÑEZ


 An artistic illustration of three crosses on a dark green hill. The central cross is the tallest and is illuminated from behind, glowing with a golden light. The two flanking crosses are shorter and darker. The background is a dramatic sunset sky with purple, pink, and orange hues, and a bright yellow horizon line. A large yellow arc is at the top of the image. The title 'Jesus Mostra-nos o Pai' is overlaid on the bottom half of the image.

Jesus Mostra-nos o Pai

Dois factores condicionam a nossa relação com Deus: a ideia que temos sobre a divindade e o conceito que desenvolvemos de nós mesmos. A mente humana funciona segundo leis estritas. Somos o que pensamos. Todos temos alguma ideia acerca de Deus e, sem dúvida, todos os seres humanos pensam algo acerca de si mesmos. Para orar, é vital que entendamos quem é Deus e quem somos nós, em contraste com o Ser divino.

Cristo ensinou uma oração modelo que muitas vezes usamos para explicar como orar; no entanto, poucas vezes paramos para pensar que, na realidade, o que encontramos nessa oração é uma revelação de Deus em sete facetas diferentes.

Deus o Pai

A oração começa por dizer “Pai nosso” (Mat. 6:9).

Evidentemente, encontramos aqui duas questões básicas: Cristo quer que vejamos Deus como Pai e, por contraste, que saibamos que somos filhos. Jesus não está a falar do pai segundo a mentalidade ocidental, mas sim do pai que as pessoas que O ouviam nesse momento conheciam. Na cultura antiga, ser pai significava estar investido numa dignidade que tornava o homem respeitado. Os filhos estavam não só ao cuidado do progenitor, mas eram considerados sua propriedade e podia dispor deles à vontade.

Se Deus é o nosso Pai, não devemos preocupar-nos. Ele sabe o que necessitamos e procurará ajudar-nos em tudo, porque os Seus motivos se baseiam na relação filial que tem connosco; não somos estranhos para Ele, somos Seus filhos, daí a exclamação de João: “Vede quão grande amor nos tem dado o Pai, que sejamos chamados

filhos de Deus” (1 João 3:1). Não precisamos de O convencer, por isso as vãs repetições são desnecessárias (Mat. 6:7); um Pai que ama ouve sempre os Seus filhos.



Um Pai que ama ouve sempre os Seus filhos.

Deus o Santo

A seguir, Jesus revela-nos que o nome de Deus deve ser santificado. O que Cristo está a dizer é que, quando nos aproximamos do trono da graça, estamos a procurar alguém cuja santidade nos é incompreensível, porque somos diferentes e diametralmente opostos. O que está implícito é que devemos reconhecer a santidade de Deus precisamente porque nós não somos santos. Os nossos motivos, acções e pensamentos estão contaminados pelo pecado.

Por outro lado, o reconhecimento explícito da santidade de Deus implica aceitar que Ele actua sempre por motivos santos. Muitas vezes agimos como se Deus nos manipulasse ou fosse um orgulhoso e egoísta, inclusivamente chegamos a crer que Deus age de modo arbitrário e injusto. Quando dizemos isto, não estamos a compreender o Deus que temos. Tudo o que Deus faz tem um único selo, a Sua santidade. Deus nunca fará nada que não seja correcto e justo.

Deus o Rei

Depois, Cristo diz: “Venha o Teu reino. Faça-se a Tua vontade” (Mat. 6:10). Hoje custa-nos entender isto num contexto de reis que só são figuras simbólicas sem grande poder e com condutas pessoais eticamente reprováveis. No entanto, os interlocutores de Jesus entendiam perfeitamente o que Ele lhes dizia.

Nos tempos de Cristo, o único que podia alegar liberdade, poder e posses era o rei. Os súbditos não tinham direitos pessoais, nem sequer eram senhores de decidir sobre a sua própria vida. Ser súbdito implicava estar sujeito à soberania e ao arbítrio do rei.

Ao aproximar-nos de Deus, devemos entender

que Ele é o nosso rei e nós os Seus súbditos. Não nos aproximamos do Seu trono da graça para Lhe indicar o que deve fazer, mas sim para nos submetermos à Sua vontade.

Deus o Provedor

Se percebemos o que dissemos antes, ou seja, que somos filhos, pecadores e súbditos, agora estamos em condições de pedir o pão. “O pão nosso de cada dia nos dá hoje” é uma forma de dizer: “Deus, precisamos de Ti e dependemos de Ti.”

Deus tem o poder de nos dar o “pão” de que necessitamos. Mas Ele é o Pai, o Rei e o Santo que sabe o quê, quando e que quantidade necessitamos. Aproximamo-nos d’Ele não para pedir o pão, mas sim para reconhecer o quanto necessitamos da Sua protecção e cuidado. Deus nunca desampara os Seus filhos e, embora nos custe entendê-lo, mesmo a fome, em certas ocasiões, pode ser parte da protecção de Deus para a nossa vida.

Deus o Perdoador

Quando pedimos a Deus que nos perdoe as nossas faltas, é porque entendemos que Ele tem o poder para o fazer. Além disso, damos como assente que estamos dispostos a fazer o mesmo com aqueles que estão ao nosso lado e que nos agrediram.

Deus perdoa-nos porque é o nosso Pai e Rei e porque também é Santo. Muitas vezes transmitimos a ideia errada de que Deus Se afasta de nós sempre que cometemos algum acto detestável; mas não é assim. Deus está sempre connosco (Mat. 28:20), convidando-nos (Apoc. 3:20) a ir a Ele, para que cuide de nós, cure as nossas feridas e perdoe os nossos erros (Isaías 1:18). Somos nós que nos pomos à margem da Sua graça e nos afastamos do Seu amor.

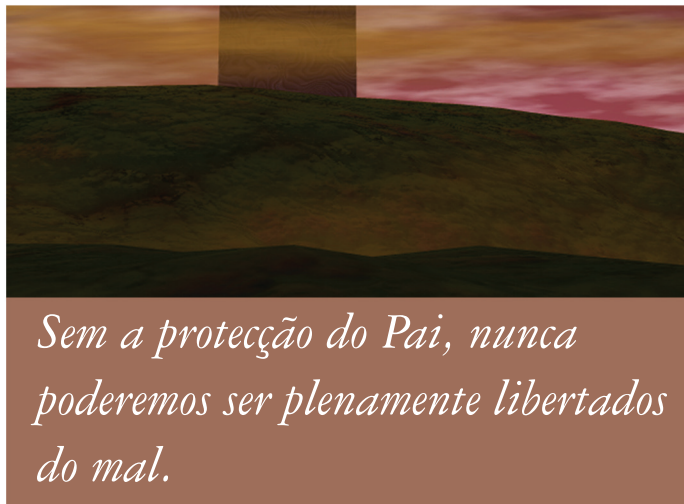


Não nos aproximamos do Seu trono da graça para Lhe indicar o que deve fazer, mas sim para nos submetermos à Sua vontade.

Deus o Salvador

Ele não só nos perdoa, mas também nos protege para que não voltemos a enganar-nos. Essa é a parte que esquecemos. Quando Jesus diz: “Não nos induzas à tentação” não está a dizer que é Deus quem nos põe em situações de perigo moral e espiritual, mas sim o contrário. O que Cristo afirma é que não somos capazes, por nós mesmos, de superar o pecado e necessitamos da Sua graça e do Seu poder, para conseguirmos sair vencedores.

O estratagema do inimigo é fazer-nos crer que Deus brinca com a nossa vida como se fôssemos marionetas e nos estende armadilhas para nos fazer cair. Satanás



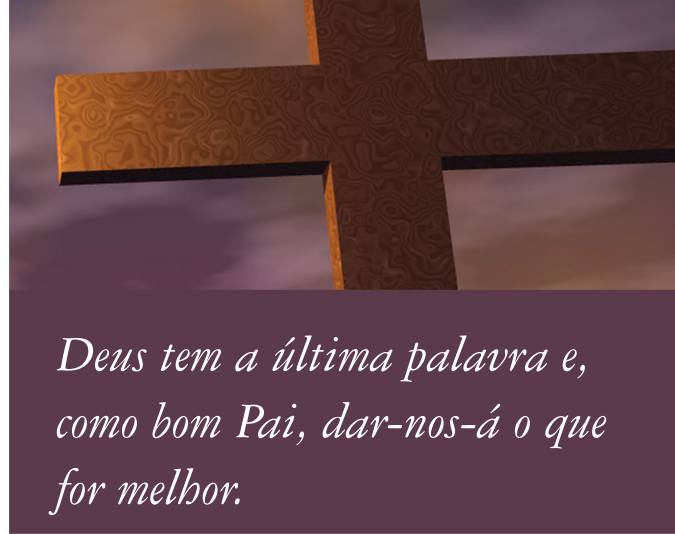
Sem a protecção do Pai, nunca poderemos ser plenamente libertados do mal.

actua assim, mas Deus não. Os motivos de Deus são santos, nunca fará alguma coisa que possa ofuscar a santidade das Suas acções. Portanto, o que Jesus nos diz é que, sem a protecção do Pai, nunca poderemos ser plenamente libertados do mal.

Deus o Todo-poderoso

O principal é lembrar-nos de que Deus, o Pai-Santo-Rei, tem toda a soberania, “o poder e a glória” (Mat. 6:13), Ele é Todo-poderoso. Se formos a Deus, não vamos encontrar-nos na presença de um dignitário qualquer, cujo poder e soberania são limitados. Apresentamo-nos ante o grande Criador, Aquele que tudo pode, porque para Ele nada é impossível (Lucas 1:37).

Não importa que lutas ou mágoas nos afligem. Se estamos mergulhados no pecado, no sofrimento e na soberba. Se temos medo perante perigos fortuitos reais ou imaginários. Não importa o que seja, Deus tem poder para resolver a situação. Mas, se nos aproximamos como filhos, pecadores e súbditos da Sua vontade, então, entenderemos que Ele, Deus, tem a última palavra e, como bom Pai, dar-nos-á o que for melhor.



Deus tem a última palavra e, como bom Pai, dar-nos-á o que for melhor.

Conclusão

Muitas vezes confundimos Deus com um supermercado. Costumamos ir a esse lugar só para procurarmos o que necessitamos; depois de encontrarmos o produto que queremos, pagamos o que levamos e não voltamos a lembrar-nos da existência desse lugar até à próxima necessidade.

Mas isso não é o que faz um filho, que, ainda por cima, sabe que é pecador e percebe que é súbdito. Aproxima-se continuamente de Deus para aprender como filho, para ser iluminado pela santidade de Deus como quem sabe que é indigno dessa santidade, e para obedecer à vontade do Soberano.

Se entendermos isso, então reconheceremos que temos necessidade de subsistência, de perdão e de protecção. Não duvidamos de que nos responda, porque Ele é todo-poderoso para o fazer. No entanto, recorremos à Sua vontade, não à nossa.

Quem se aproxima de Deus com este espírito não duvida das acções de Deus, porque sabe que tudo o que Ele faz é santo.

Portanto, Cristo diz-nos que o Deus a quem oramos tem sete características e que cada vez que dobramos ante Ele os nossos joelhos, devemos recordar que nós somos a antítese:

- Ele é o Pai, nós os filhos.
- Ele é Santo, nós pecadores.
- Ele é Rei, nós súbditos.
- Ele providencia, nós necessitamos.
- Ele dá-nos a cura, nós estamos doentes pelo pecado.
- Ele protege-nos, nós não podemos fazê-lo por nós mesmos.
- Ele é o Todo-poderoso, nós somos finitos e deficitários.

Que extraordinário é o Deus a Quem oramos!

*Miguel Ángel Nuñez
Prof. da Universidade da União Peruana, Lima, Perú*

Como os avanços da genética confirmam a fé na Palavra de

É nossa convicção profunda que a verdadeira Ciência orienta o ser humano para Deus. Ao longo desta série de artigos, pretendemos fornecer elementos que permitam demonstrar as bases para esta convicção. Cada mês vamos explorar uma descoberta ou um avanço científico e vamos verificar o que estes podem significar para a nossa fé.

Teoria da intoxicação

Foi difícil, nos últimos dois meses, abrir qualquer tipo de publicação sem encontrar artigos extensos e laudatórios em relação a Charles Darwin e à sua Teoria da Evolução.

Efectivamente, celebrou-se em Fevereiro o 200º aniversário de Charles Darwin (nascido a 12 de Fevereiro de 1809) e o 150º aniversário da publicação da sua obra *A origem das Espécies*.

Como resultado de tal “bombardeamento” mediático, cria-se uma imagem na opinião pública, em relação aos méritos desta teoria e à sua influência no mundo, que não resiste a um olhar menos apaixonado e mais rigoroso.



Deus



MIGUEL MATEUS

Somos Todos Darwinistas?

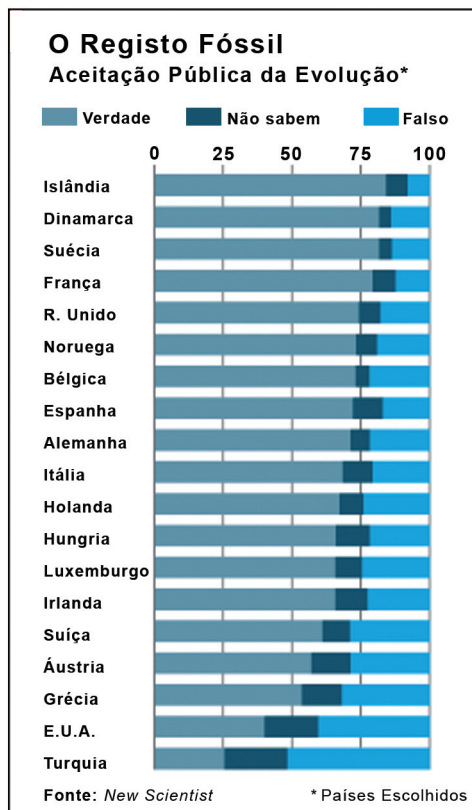
A revista *The Economist* publicou, na sua edição de 5 de Fevereiro, uma estatística sobre a aceitação da Evolução como Teoria das Origens.

O que talvez surpreenda, neste século XXI, considerado como uma época essencialmente secular, é a percentagem de pessoas que não crêem na Teoria da Evolução – entre 20 e 75% da amostra, dependendo do País.

Isto é um pouco embaraçoso para uma teoria que recebe tal cobertura dos média e que é “vendida” ao público como um facto.

Reparem por exemplo nesta citação de Stephen J. Gould: “A evolução é um facto, na medida em que algo pode ser um facto em Ciência (tão certo como é certo que a Terra orbita em torno do Sol)”.

Parece que até 75% das pessoas não estão assim tão de acordo com esse “facto”...



A Evolução da Teoria?

Poucas pessoas se apercebem de que as várias “espécies” da Teoria da Evolução que existem actualmente (e que são muitas vezes chamadas Teorias de Darwin), muito pouco têm que ver com a Teoria discutida na obra *A Origem das Espécies*.

O Darwinismo sofreu tremendas transformações e adaptações (evolução?). Ainda hoje, como discutimos em artigos anteriores, continua a evoluir.

1859 – Publicação do livro *A Origem das Espécies*.

1882 – Aparecimento das primeiras ideias relativas a uma evolução dirigida, originando o chamado Evolucionismo Teísta.

1930/40 – Síntese neodarwiniana que libertou finalmente a Teoria da Evolução das ideias erradas de Darwin em relação à hereditariedade dos caracteres adquiridos.

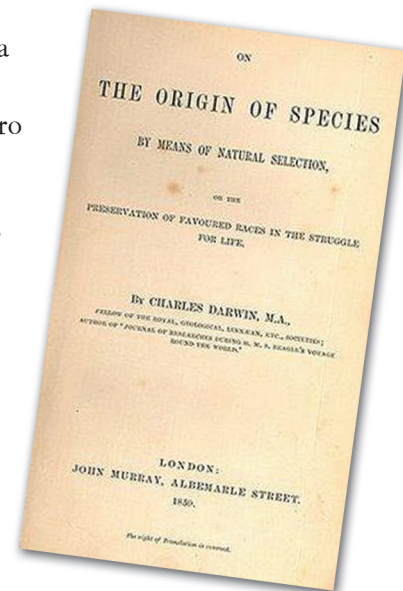
1970 – A Teoria do Equilíbrio Pontuado foi proposta por Stephen J. Gould e Niles Eldredge, para tentar harmonizar a Teoria da Evolução com um registo fóssil, cada vez mais difícil de entender do ponto de vista evolucionista.

2003 – ainda em curso – Revisão de acordo com as descobertas da genética. O último desenvolvimento pode vir a ser o resultado das reflexões do chamado Grupo de Altenberg 16, que se reuniu em Março de 2008 para discutir uma “*Síntese Evolucionista Alargada*”

...

Teoria das evidências?

A verdade é que as evidências que suportam a Teoria



da Evolução nunca foram fortes e hoje continuam a não o ser, o que tem obrigado a grandes mudanças e ajustes.

Sugiro que analisemos três exemplos, que perturbaram Darwin no seu tempo e continuam a perturbar os evolucionistas:

- A escassez de fósseis de transição – os famosos “missing links”,
- A extrema e inexplicável complexidade do olho humano e
- As últimas descobertas da genética.

Procurando uma agulha num monte de ossos

Darwin reconheceu que a extensão do registo fóssil era “a mais óbvia e séria objecção que pode ser colocada à Teoria da Evolução”.

No entanto, defendeu que esse facto não era fatal à sua Teoria, porque em 1859 apenas uma pequeníssima parte das jazidas de fósseis havia sido explorada.

Darwin defendeu então que, se a sua teoria estivesse correcta, à medida que os paleontólogos trabalhassem com uma mentalidade Darwiniana, iriam encontrar imensos fósseis de transição, Darwin utilizou mesmo a expressão “um número inconcebível” de fósseis de transição.

Hoje, passados mais de 150 anos em que os paleontólogos trabalharam com uma ‘mentalidade Darwiniana’, temos de registar que não foram encontrados nenhuns fósseis de transição...

Os exemplos apresentados são muito poucos e, ou eram fraudes ou são de interpretação questionável.

Porque será que a consequência lógica deste facto não foi aceite?



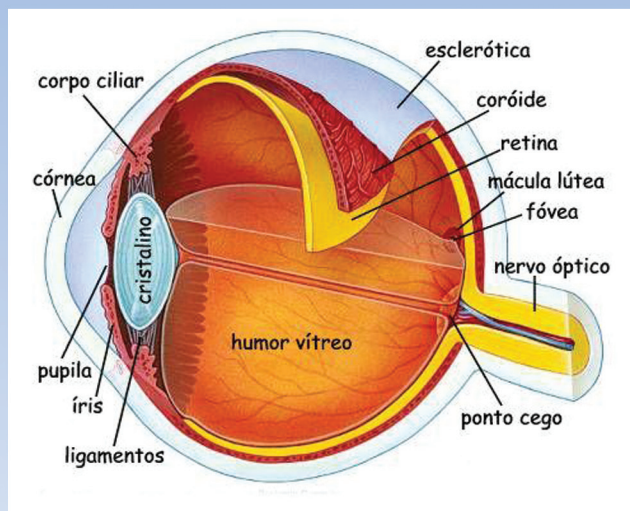
Abram bem os olhos...

Darwin escreveu: “Acreditar que um órgão tão perfeito como o olho possa ter sido formado pela selecção natural é suficiente para surpreender qualquer pessoa...”

E Darwin não tinha a menor ideia acerca da

verdadeira complexidade do olho humano.

Se ao nível macro é complexo, ao nível molecular



torna-se simplesmente inaceitável que tudo isso surja por mero acaso.

Milhões de anos para evoluir? As últimas descobertas da genética

No número de Fevereiro de 2009 da revista *National Geographic*, que celebra os 200 anos de Darwin e 150 da sua Teoria da Evolução, podemos encontrar o seguinte texto na página 71:

“Tal descoberta pôs por terra uma noção há muito entretida de que a aquisição de membros exigiu um radical salto evolutivo. É evidente agora que o mecanismo genético necessário para produzir os membros já estava presente nas nadadeiras.”

Ou seja, vai-se descobrindo que a selecção natural não cria nada, apenas actua sobre realidades já existentes, modificando seriamente a Teoria da Evolução.

Os malefícios da Teoria da Evolução

Tudo isto poderia não passar de uma interessante querela académica, se as crenças em relação ao nosso papel no Universo e a sua implicação na nossa formação moral não fossem fortemente afectadas.

Mas, a verdade é que aquilo em que acreditamos vai ter uma grande influência nos nossos actos e na forma como a nossa sociedade encara e resolve certos problemas.

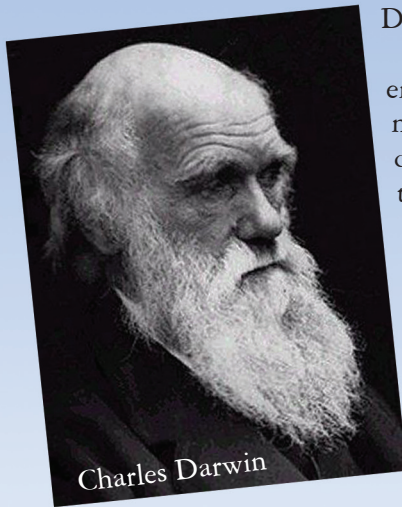
Podem ser apontadas muitas consequências negativas à Teoria da Evolução. Alguns exemplos são a inspiração do Nazismo e as ideias Eugénicas.

No limite, esta ideia da luta selvagem pela sobrevivência e a necessidade de deixar a via livre à Natureza, para que haja a sobrevivência dos mais aptos, pode ser o fundamento filosófico das circunstâncias

que nos levaram ao que o financeiro George Soros considerou, na cimeira de Davos, como “uma crise pior do que a Grande Depressão de 1930”.

Uma Teoria Alternativa bem mais fértil

Uma teoria alternativa ao Darwinismo é a Teoria do Desígnio Inteligente.



Charles Darwin

Esta Teoria ainda não está em condição de concorrer no mesmo nível que a Teoria de Darwin, porque não tem cientistas de todo o mundo a tentarem provar a sua validade ao longo de 150 anos. Ao contrário, surgiu na sua forma actual há 10 anos e tem apenas um punhado de cientistas que podem dedicar-se a desenvolvê-la.

Mas, mesmo com tão poucos meios, as suas contribuições para a Ciência podem vir a ser impressionantes. Quando os cientistas trabalham com um paradigma verdadeiro, podem ir muito mais longe...

Alguns exemplos de desenvolvimentos científicos que podem vir do Desígnio Inteligente:

- A Genética, encoraja os cientistas a descobrirem as funções do chamado “junk” DNA;
- A Biologia celular, encoraja os cientistas a verem “estruturas desenhadas”, o que os levará a um melhor entendimento dos mecanismos moleculares de funcionamento;
- A Biologia animal, encoraja os cientistas a descobrirem as verdadeiras funções dos chamados “órgãos vestigiais”;
- A Paleontologia, encoraja os cientistas a resolverem os grandes problemas da Teoria de Darwin com o registo fóssil, como por exemplo a chamada “explosão do Câmbrio”.

A Verdadeira Teoria da Origem das Espécies

“O que Darwin não sabia” é o tema de capa do mês de Fevereiro da revista *National Geographic*. Numa série de artigos, pretende-se demonstrar como o Darwinismo permanece actual e central.

No entanto, existe um livro publicado há menos de 5 anos, exactamente com o mesmo título, que demonstra claramente os problemas com a teoria.¹

Termino com as palavras finais do livro *O*

que Darwin Não Sabia, do Dr. Geoffrey Simmons:

“Não sou um Teólogo, nem pretende sê-lo. Sou apenas um observador e estudioso de factos biológicos e médicos. Os dados, como eu os vejo, apontam directamente para um Desenhador Inteligente, tal como um carro aponta para o seu fabricante, como um soufflé aponta para um chef de cozinha, como uma peça de teatro para o seu Autor. Alternativas podem ainda vir a ser propostas, mas a Teoria da Evolução não explica as evidências que observamos.”

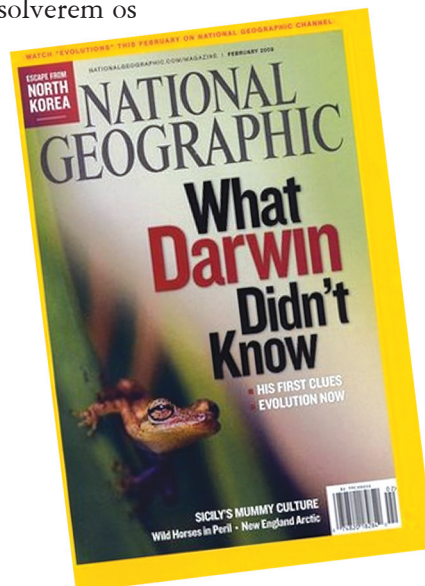
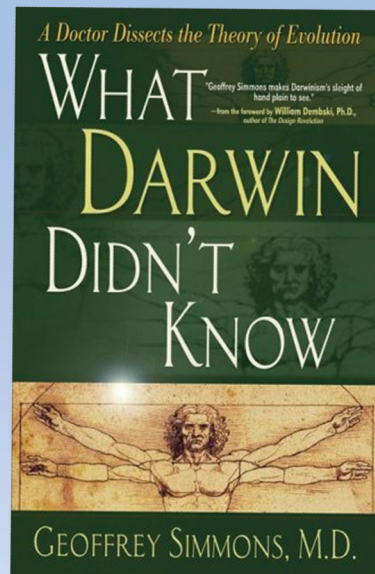
Esse “Desenhador Inteligente” tem um nome: Deus. E pode ser encontrado na Bíblia reclamando a autoria da Sua criação através do Apóstolo Paulo e fornecendo a Verdadeira Teoria da Origem das Espécies:

“O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há, sendo ele Senhor do céu e da terra não habita em templos feitos por homens. Nem tampouco é servido por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa, porque ele mesmo é quem dá a vida a todos, a respiração e todas as coisas. De um só fez todas as nações, para habitarem sobre toda a face da terra, determinando-lhes os tempos já dantes ordenados e os limites da sua habitação.” Actos 17:24-26

Por isso, “se hoje ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações”. ■

Miguel Mateus

Engenheiro em Electrotecnia - Telecomunicações e Electrónica
Mestre em Investigação Operacional
Grau de MBA - Master in Business and Administration



Referências:

1. “What Darwin Didn't Know”, Geoffrey Simmons, 2003, Harvest House

Qual será o aspecto do

Durante os meus tempos de liceu, trabalhei numa tipografia. O gerente ficava feliz por contar a história do pior falsário do mundo. Supostamente, este falsário tinha feito uma falsificação perfeita de uma nota de 20 dólares, mas errou ao fazê-la 1cm mais comprida. O gerente da tipografia invariavelmente ria-se com vontade quando contava a história, e por isso ela impressionou-me muito.

Sempre que se levanta a questão do anti-cristo, penso naquela velha anedota, porque o anti-cristo é a falsificação final.

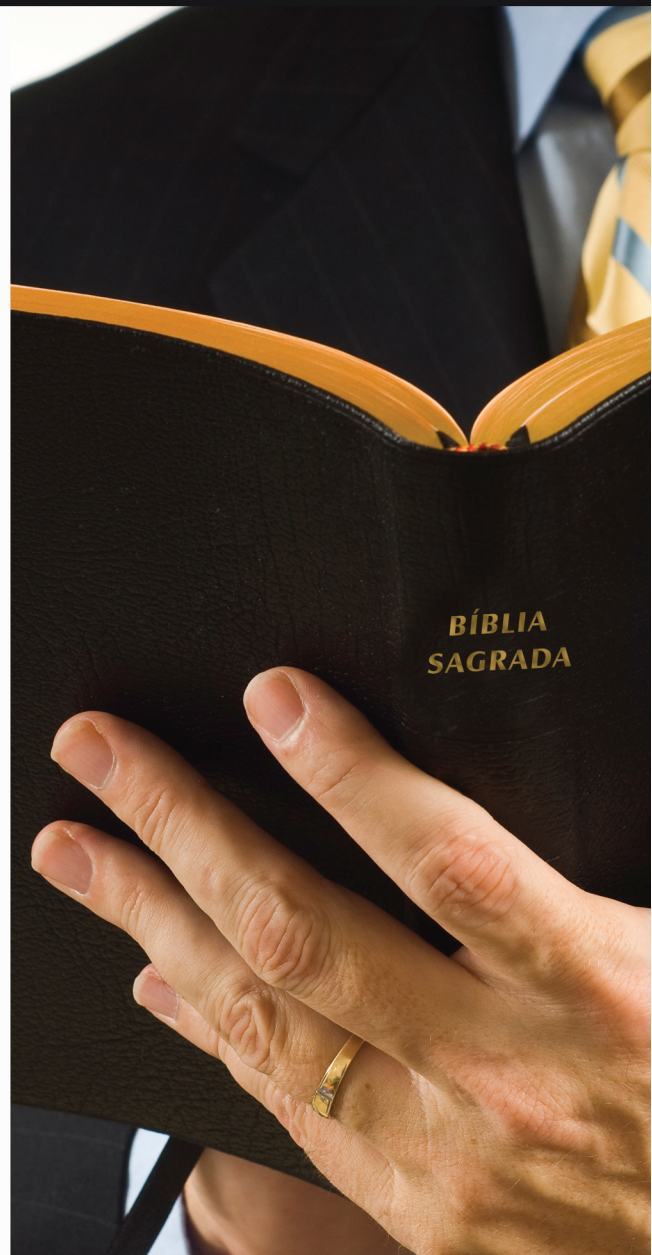
E só há um falsário com habilidade e experiência suficientes para realizar essa falsificação final. Obviamente, estou a falar do diabo, o falsário perfeito. Não só inventou a falsificação e o engano, mas anda a aperfeiçoá-los há milhares de anos. O anti-cristo será a obra final de engano do diabo, a sua obra-prima. Esta falsificação será a melhor de sempre – tão boa, de facto, que “se possível enganaria até os escolhidos” (Marcos 13:22).

E esse é o meu problema com tantas descrições do diabo. Elas tendem a enfatizar a parte do “anti” com exclusão da parte do “cristo”. A noção popular do anti-cristo geralmente apresenta-o como um ser sinistro e mau. Por exemplo, Nikolae Carpathia, o personagem que encarna o anti-cristo em *Left Behind* (Deixados para Trás), uma série de livros e de vídeos, é um político astuto e criminoso – e vem da Roménia, nada menos, de maneira que fala com o mesmo sotaque que geralmente associamos ao Drácula. Será essa a ideia de algumas pessoas acerca de como é Cristo? Não é propriamente subtil, e não é provável que seja confundido com o próprio Cristo.

Anjo de luz

E é aí que o anti-cristo quer chegar! Ele não é apenas o adversário de Cristo, mas sim um usurpador, um impostor, um pretendente ao trono, alguém que quer o que Cristo tem e o que Cristo é. Em especial, quer ser adorado. Para obter o que quer, para persuadir as pessoas a adorarem-no, ele tem de as convencer de que é o Cristo. *A falsificação tem de ser parecida com o objecto original.*

Claro que pessoas diferentes têm ideias diferentes acerca do aspecto que Cristo poderia ter, mas ninguém sabe ao certo. Mas a Escritura avisa-nos de que “Satanás se transfigura em anjo de luz” (2 Cor. 11:14). A expressão “anjo de luz” parece adequada para ‘engano’. Impressionante, mas vaga.



Quando ele aparecer,
reconhecerá o anti-cristo? Este
artigo ajudá-lo-á a evitar o engano.

anti-cristo?

ED DICKERSON



Apelo às nossas mais elevadas aspirações

A Bíblia não nos dá qualquer informação acerca do aspecto físico do anti-cristo, mas diz-nos como serão as suas acções, porque sabemos o tipo de coisas que Jesus disse e fez. E, por isso, é seguro dizer que o anti-cristo pronunciará palavras bonitas e tranquilizadoras. Sem dúvida falará de amor, de paz, de justiça e de irmandade universal, porque é isso que as pessoas esperam. Na verdade, será esse apelo às nossas mais altas aspirações que tornará as suas mentiras tão irresistíveis.

O desejo original de Lúcifer, que fez com que ele fosse expulso do Céu, era ser “semelhante ao Altíssimo” (ver Isaías 14:14), ser como o próprio Deus. E usou essa mesma tentação com Eva. Disse-lhe que, quando ela comesse do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, os seus olhos se abririam e seria como Deus (ver Gén. 3:5). Ser como Deus parece uma coisa realmente boa. *Muitas vezes, o grande enganador reveste as suas tentações com uma aparente bondade.*

Vemos isso demonstrado num filme de 2003, *Luther*, no qual um jovem idealista, chamado Aleander, chega a Roma. No Vaticano, um cardeal pergunta-lhe: “O que é que mais desejas?”

Aleander responde: “Servir a Deus de todo o meu coração.”

O cardeal avisa-o: “Então, essa será a tua tentação.”

À medida que o filme avança, vemos como o desejo de Aleander de servir Deus o leva a usar a traição, o rapto e o assassinio. É assim que o diabo trabalha: ele oferece-nos o melhor para nos levar a fazer o pior.

No deserto, o diabo ofereceu coisas boas a Jesus, inclusivamente bênçãos. Propôs a Jesus conseguir pão para manter a vida, ofereceu-lhe a oportunidade de pôr à prova o cumprimento da promessa de protecção angélica feita por Deus e a soberania sobre todos os reinos da Terra. Em si mesmas, todas essas coisas eram boas. Algumas até faziam parte do objectivo e propósito da missão de Cristo. O mal estava no que o diabo pediu que Jesus fizesse para as conseguir. E ele diz-nos a mesma coisa hoje: “Basta fazeres esta coisa sem importância, e todas estas boas coisas serão tuas também.” É um estratagema usado por todos os falsários, vigaristas e charlatães.

E o diabo é o pai de todos os falsários e charlatães, o vigarista original. Assim, como o anti-cristo, ele saberá todas as palavras certas que deve dizer, conhecerá todos os botões emocionais que deve premir, para nos levar a ter a certeza de que as suas intenções são puramente benévolas, que segui-lo terá como único resultado alegria. Haverá verdade suficiente nas suas palavras para tornar credíveis as suas mentiras, haverá muito açúcar, para esconder o veneno. Mas serão mentiras. Como Jesus disse, falando acerca dele: “Quando profere mentira, fala do que lhe é próprio” (João 8:44).

Sinais e maravilhas

Mas as palavras, só, não serão suficientes. A Bíblia diz-nos que o diabo desviará a nossa atenção das suas mentiras com “sinais e prodígios” (Marcos 13:22). Apocalipse 13 descreve um falso profeta que realiza prodígios, o qual tem características semelhantes ao Cordeiro (quer dizer, semelhantes a Cristo), mas que “falava como o dragão”, que é Satanás (Apoc. 13:11; 12:9). E para esconder as suas mentiras, ele “faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens. E engana os que habitam na terra, com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta” (Apoc. 13:13, 14).

No entanto, haverá algumas coisas que o diabo não será capaz de falsificar, e uma delas será a segunda vinda de Cristo em glória e majestade. O Apocalipse descreve a vinda de Jesus: “Eis que vem com as nuvens, e *todo o olho O verá...*” (Apoc. 1:7, itálico acrescentado). Todos os seres humanos existentes no planeta Terra verão Jesus quando Ele voltar.

Mas o diabo vai tentar. Jesus avisou-nos de que “se vos disserem: Eis que ele está no deserto, não saiais. Eis que ele está no interior da casa, não acrediteis. Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será, também, a vinda do Filho do homem” (Mat. 24:26, 27).

Destes versículos aprendemos duas coisas. Primeira, aparentemente, o anti-cristo vai tentar imitar o regresso de Jesus, aparecendo em diferentes partes da Terra. Mas – e este é o segundo ponto – o regresso de Cristo atrairá a atenção global. Jesus aparecerá no céu, visível de um extremo ao outro da Terra. Paulo fez-nos outra importante descrição da segunda vinda de Cristo. Ele disse: “Porque o mesmo Senhor descerá do céu, *com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus...*” (1 Tes. 4:16, itálico acrescentado). Portanto, além de ser visível em todo o mundo, a segunda vinda de Cristo será bem audível. *Ouviremos o som!*

Quando Jesus voltar a esta Terra, *todos ficaremos a saber!*

Evitar o engano

Então, como é que vocês e eu podemos evitar ser enganados pelo anti-cristo quando ele aparecer?

Os banqueiros e outros que enfrentam a ameaça da falsificação sabem que a melhor maneira de detectar uma falsificação é estar bem familiarizado com o artigo genuíno. Por isso, os caixas dos bancos não perdem tempo a analisar dinheiro falso. Ao contrário, concentram a sua atenção em familiarizar-se com o dinheiro verdadeiro.

O mesmo método funciona connosco. É extremamente importante que entendamos tudo o

que a Bíblia diz sobre a verdadeira segunda vinda de Cristo, porque só através do seu testemunho poderemos compreender a verdade de maneira suficientemente clara ao ponto de detectarmos a falsa segunda vinda do anti-cristo. Quando percebermos que Cristo vai voltar nas nuvens do céu com poder e glória, que todo o mundo O verá ao mesmo tempo e com um grande ruído como de trombeta, poderemos facilmente reconhecer um impostor que se apresente em diversas partes do mundo, disfarçando-se de Cristo.

Embora seja importante saber qual o aspecto exterior e quais as palavras do anti-cristo, é muito mais importante conhecer o verdadeiro Cristo. Jesus garante-nos: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem. E dou-lhes a vida eterna,



“As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem. E dou-lhes a vida eterna, e nunca hão-de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão.”

e nunca hão-de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão” (João 10:27, 28).

Aqueles que conhecerem o verdadeiro Jesus não precisam de temer o falso. Conhecem o artigo genuíno. Falam com Ele e ouvem a Sua voz diariamente. Conhecem a Sua voz. E ninguém, nem o anti-cristo nem qualquer outro ser, pode arrebatá-los da Sua mão.

Se sabe o que a Bíblia diz acerca da segunda vinda de Cristo, e se conhece Cristo pessoalmente, não precisa de temer ser enganado pelo anti-cristo quando ele se manifestar. ■

Ed Dickerson
Pastor

A Regra de Ouro



ligadas a Ele dão bons frutos, praticam boas ações e têm boas atitudes. Foi então que comecei a pensar que a forma como eu estava a encarar aquele problema não era a melhor.

Aquela frase continuou a martelar na minha cabeça: “Façam aos outros tudo aquilo que desejariam que eles vos fizessem.” Ora, se fosse eu que tivesse feito uma desfeita daquelas, não queria que me fizessem igual. Por outro lado, estar com

Jesus e ser Seu amigo, demonstra-se através de bons frutos. Comecei a pensar: “Como é que eu posso ser amigo de Jesus e estar a pensar em me vingar?” Decidi que, como amigo de Jesus, ia ter uma atitude diferente. Quando me encontrei com o meu amigo, disse-lhe que estava triste por ele me ter esquecido e ter ido brincar com outros meninos sem me dizer nada. Ele pediu-me desculpa e eu perdoei.

Quando alguém te magoar, antes de pensares em fazer o mesmo, vai falar com esse amigo e diz-lhe, calmamente, como te sentes e mostra-te disponível para ajudar. Assim, pelos teus bons frutos, estás a mostrar que és um verdadeiro amigo de Jesus. ■

Naquele dia estava mesmo aborrecido! O meu melhor amigo tinha-me magoado muito. Tínhamos combinado encontrar-nos junto ao mar da Galileia para brincar perto da água. Quem sabe até podíamos sair num barco com os pescadores... Mas eu esperei, esperei e voltei a esperar. Nada do meu amigo. Então, alguém me disse que ele estava noutra sítio a brincar com outros meninos. Já percebeste porque é que eu estava tão chateado. Eu só pensava: “Deixa-o vir, sim, ele não espera pela demora... Da próxima vez que quiser brincar comigo, vou fazer-lhe o mesmo...”

Enquanto eu estava assim, absorvo nestes meus pensamentos, apercebi-me que uma multidão estava a deslocar-se para uma colina, ao lado do mar da Galileia. Fiquei curioso e fui atrás deles. As pessoas começaram a sentar-se na relva em silêncio. Todas queriam ouvir o que Jesus tinha a dizer. Fui para o mais próximo d’Ele que consegui. Jesus falava sobre tantas coisas importantes, de uma forma tão amável que todas as pessoas escutavam com muita atenção. Todas menos eu. Na verdade, à minha cabeça só vinham pensamentos acerca do que o meu amigo me tinha feito, até que Jesus disse algo que me fez parar para pensar. Ele disse: “Façam aos outros tudo aquilo que desejariam que eles vos fizessem” (Mateus 7:12).

Como?! Fazer aos outros aquilo que queríamos que os outros nos fizessem?! Será que isto quer dizer que eu devia perdoar o meu amigo? Mas ele deixou-me ali à espera, e foi brincar com outros meninos. Isto não é uma coisa fácil de perdoar. Como é que eu podia agir como se nada fosse depois daquela situação?

Jesus continuou a falar sobre como as pessoas que estão

ACTIVIDADE

C	J	X	K	L	V	R	Q	V	X	O	P
D	W	T	D	M	O	G	Z	U	H	S	B
Q	E	F	A	Ç	A	M	W	E	E	R	T
F	H	S	J	K	L	P	O	L	I	U	Y
M	Q	U	E	D	S	A	E	Z	X	C	V
E	Y	U	I	J	O	P	S	M	N	A	B
S	T	R	E	W	A	O	S	Q	A	Q	S
S	M	L	K	J	R	R	H	G	F	U	D
E	N	T	B	T	V	C	I	X	Z	I	Q
Z	O	I	U	U	Y	T	R	A	E	L	W
I	P	O	L	D	K	J	H	G	M	O	F
F	M	N	B	V	O	C	X	V	O	S	D

Encontra as 11 palavras que compõem o texto de Mateus 7:12 citado na história. Podem ser encontradas nos seguintes sentidos: ▶ ▼ ▲ ◀ ◆

(horizontal, vertical e diagonal)

Nascer para morrer?...

A vida é realmente bela. Viver sem sofrimento e sem limitações graves, aptos a contemplar e a desfrutar o que ainda há de belo e de bom na Natureza, sentindo e agradecendo a felicidade de estar vivo, é uma graça preciosa que lamentamos não saber apreciar como merece. Pelo menos, é esse, em geral, o sentimento do cristão, que não tem dúvidas quanto à origem da vida e crê que Deus é o Criador incontestável de todas as coisas. Mas, cedo, uma sombra desce sobre este estado de felicidade gerado só pelo facto de estarmos vivos. Lembramo-nos que, à medida que crescíamos, nos fomos apercebendo de ocorrências estranhas, incríveis mesmo. Diziam-nos, por exemplo, que os velhinhos que conhecíamos já tinham sido meninos como nós éramos... Como é que isso podia ter sido possível?!... Mas havia ainda pior... Um dia poderíamos ficar sem mãe ou sem pai e, às vezes, até os paizinhos ficavam sem os seus meninos e isso eram acontecimentos inevitáveis e dolorosos, sempre presentes, ao longo da vida, para os quais devíamos estar permanentemente preparados, porque a vida era assim mesmo: nascíamos e crescíamos, sim senhor, mas, também, envelhecíamos e morríamos!... “Tinha que ser...”!...

Encontro com a realidade

A estas desconcertantes descobertas dos dias da nossa infância, iriam seguir-se alguns anos de vida descuidada, até que viéssemos a reconhecer a importância e a urgência de nos relacionarmos a sério e mais intimamente com o Autor da vida e nosso Criador, visto que Lhe devíamos o que somos e porque a vida, preciosa

e bela, como era, afinal, tinha limites... Precisávamos de saber algo mais do que aquilo que nos diziam... Hoje, ainda se aprende que nascemos, crescemos, envelhecemos e morremos... Mas, porque morremos?... E para que nascemos, se temos que morrer?... Apenas para propagar a espécie e, depois, desaparecer, sem quase deixar rasto?... Passamos a primeira parte da existência ansiosos por sermos grandes como os senhores crescidos, que tudo sabem e tudo podem, mas depressa entramos num período de sobressaltos angustiantes, motivados pelo súbito apercebimento, apenas na casa dos trinta, de que o tempo, nesta vida, se escoia a velocidade vertiginosa. E há tanto ainda por fazer e tão pouco só começado... É a fase em que começamos a notar, nos retratos, que já não ficamos tão bem como noutros tempos... A princípio, pensamos que talvez seja da lente embaciada... Em vão a limpamos ou trocamos por outra. Não, não é da lente... Perdida a graça ou a varonilidade dos vinte, temos que recuar dois ou três anos para nos revermos numa foto que nos exponha a nosso contento. As fotos de hoje só se tornarão aceitáveis daqui a largos tempos, altura em que diremos que, afinal, hoje, ainda não estávamos assim tão mal... Choque igual nos dão os espelhos. Mas um só nos traz algum conforto... É aquele onde nos habituámos a ver-nos, todos os dias, enquanto nos penteamos ou barbeamos ou mesmo quando ainda tentamos fazer músculo ou ensaiar um gesto cómico, diante dele... A sós com o nosso espelho, ainda é possível atinar com alguns traços restantes dos nossos primeiros dez anos ou da nossa juventude... Todos os outros, que de



todo o lado nos aparecem, e não são poucos a confirmá-lo, onde nos vemos de relance e à socapa, só nos trazem imagens reais desta decadência que, em maus momentos, até nos deixa apavorados... E não tarda que nos confrontemos com o dilema de morrer ainda novos ou em idade já avançada... É que a vida longa, que todos desejam, tem um preço que ninguém paga de gosto: o envelhecimento, com a sua longa cadeia de debilidades, peles enrugadas e carnes pendentes, sem falar dos males mais graves, próprios das fases mais adiantadas da vida...

Dúvidas e incertezas...

Sim, é verdade que ninguém contesta os factos de que nascemos, crescemos, envelhecemos e morremos... Mas de que serve, então, viver uma vida bem ou mal sucedida, mais ou menos longa, digamos mesmo, uma vida de cem anos, na mais ambiciosa das hipóteses, se ela se apaga, infalivelmente, por toda a eternidade? Que dispêndio inútil de energia, na manutenção da vida, durante milénios, por intermédio de sucessivas gerações, se a “lição” aprendida por cada um de nós, agora, e por todos os intervenientes, nesta espantosa aventura da existência, desde que o homem foi criado, se perde para sempre, sem mais proveito, no término desta fugaz passagem pelo Planeta... A chamada Natureza, por si mesma amplamente convincente na sua proclamação tácita do Criador, por ser intuitivo que “O que está feito, por alguém foi feito”, não responde a esta pergunta que reflecte o profundo desassossego do homem. E é também omissa quanto aos múltiplos planos de relacionamento entre o Criador e as Suas criaturas e quanto à suprema finalidade da criação e da existência do homem. No entanto, contribuiu com muitos símiles e parábolas para o entendimento aprofundado de certas verdades teológicas. Por isso, o Criador falou com o par recém-criado, Adão e Eva, elucidando-os quanto aos Seus propósitos e sobre o que deles esperava, assim como no que dizia respeito às consequências da sua possível desobediência e posterior reabilitação (Gén. 2: 1-25; 3:1-24).

A resposta...

A raiz da esperança que acalentou os genuínos crentes, através dos tempos, mesmo quando tudo parecia já não fazer sentido para ninguém, está nesses momentos de comunhão com o Criador. Porque o diálogo se manteve e sobreviveu séculos e milénios, até aos dias caóticos em que vivemos, não só pela ministração dos profetas e dos apóstolos (Hebreus 1:1), credenciados pelo Criador, e, obviamente, também pelo ministério de Cristo, assim como pela leitura e estudo da Bíblia, repositório essencial, firme e infalível

da Sua vontade, em relação à humanidade. É lendo e estudando a Bíblia que ficamos a saber que o Criador tem, em execução, um plano para resgatar o homem da teia de perdição em que este, deliberadamente, se deixou envolver (2 Tim. 3:13-17). Por ela ficamos a saber que a morte não faz parte da vida, que a morte não é um fim natural, inevitável, pura consequência inescapável de estarmos vivos... A morte é uma anormalidade resultante da nossa desobediência à vontade expressa do Criador e do desejo de querermos viver por conta própria, em dissonância permanente com a harmonia universal estabelecida pelo Criador. A morte é o “inimigo público” que Cristo, o Filho do Deus Criador, venceu, na cruz, para provar o insondável mas compreensível amor de Deus pelas Suas criaturas e para tornar possível a salvação a todo aquele que crê. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho Unigénito para que todo aquele que n’Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (S. João 3:16).

Não era em cenário de miséria, violência e destruição, como aquele que o mundo apresenta nestes dias, que o Criador queria ver as Suas criaturas. Os Seus planos, a nosso respeito, eram bem diferentes e, a seu tempo, serão, finalmente, concretizados de acordo com os textos bíblicos que, a seguir, se transcrevem: “Eu bem sei os pensamentos que penso de vós, diz o Senhor, pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que esperais” (Jer.-29:11); “E ouvi uma grande voz do Céu que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará e eles serão o Seu povo e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus. E Deus limpará dos seus olhos toda a lágrima e não haverá mais morte nem pranto nem clamor nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas. E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve, porque estas palavras são verdadeiras e fiéis. E disse-me mais: Está cumprido. Eu sou o Alfa e o Ómega, o princípio e o fim. A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida. Quem vencer herdará todas as coisas e Eu serei seu Deus e ele será Meu filho” (Apoc.21:3-7).

Nos planos da restauração do Planeta, ultrapassada a fase da convulsão final que há-de sacudir toda a Terra, o Criador tem um lugar reservado, um corpo imortal e uma identidade eterna para todo aquele que aderir ao Seu pacto de salvação, pois a morte não “tinha que ser ...”, como nos foi contado em meninos... Cristo, o Cordeiro que foi morto, desde a fundação do mundo, assegura-nos que Deus não é Deus de mortos, mas de vivos! (Luc.20:38).■

Lourenço Marta
Pseudónimo

Lapi Norte

No dia 7 de Fevereiro de 2009, alguns elementos da Igreja de Espinho fizeram uma visita ao LAPI Norte.

Tivemos o grande prazer de ouvir o coro da igreja de Espinho, formado, na sua maioria, por elementos com mais de 65 anos. O irmão Ademes Castro e a sua filha, Geovanna, também nos apresentaram belos hinos em louvor ao nosso Deus e o irmão David Almeida, de 80 anos, apresentou um poema sobre a terceira idade.

Além destes números especiais, tivemos a lição da Escola Sabatina, orientada pelo irmão José Manuel Ribeiro e a sua filha, Cátia Ribeiro. A mensagem do culto foi da responsabilidade do irmão Pedro Fernandes.

Os irmãos de Espinho vieram preparados de casa com o seu almoço e, assim, tiveram a oportunidade de almoçar no lar e de conviver com os idosos,



conversar com estes e partilhar experiências. Foi um Sábado diferente para todos os que estiveram presentes.

Estas visitas são muito importantes, pois proporcionam momentos muito agradáveis a todos. Durante o almoço, a irmã Maria Monteiro do LAPI andava a passear pelos corredores a falar com os irmãos de Espinho. A certa altura, uma irmã da igreja de Espinho perguntou-lhe se ela não ia comer (visto que os seus amigos já estavam todos sentados a comer a sopa) e ela respondeu com outra pergunta: “Como é possível ter fome com tanta alegria?”

A Direcção do LAPI Norte agradece a visita e aproveita para convidar todas as Igrejas a virem passar um Sábado diferente na igreja do LAPI.

*Cátia Ribeiro
Animadora*

Lapi Salvaterra

Natal

No passado dia 14 de Dezembro de 2008, os utentes do LAPI de Salvaterra de Magos celebraram o nascimento



do nosso Senhor Jesus com os seus familiares e amigos.

Através de uma pequena festa organizada pelos idosos e com a colaboração dos funcionários, tivemos um tempo de alegria e louvor onde a principal mensagem foi lembrar que Jesus nasceu com um propósito – a salvação para todo aquele que crê.

Agradecemos a todos os que, com a sua presença e colaboração,

tornaram possível uns verdadeiros momentos de felicidade para todos os que residem neste lar.

Que o Senhor vos abençoe.

*A Assistente Social,
Sandra Machado*

Funchal

Adormeceu no Senhor

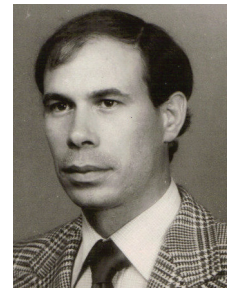
O nosso querido Irmão José Manuel Baptista Rodrigues, adormeceu no Senhor no dia 3 de Fevereiro de 2009.

Desde o seu Baptismo, em 21 de Março de 1976, este nosso Irmão foi um grande colaborador na Igreja sendo ancião por vários anos, colaborando sempre com todos os Pastores que por esta Igreja passaram.

Era um homem de carácter, firme na sua fé e muito estimado por todos no seu círculo de amizades e profissional. Estava sempre pronto a ajudar o seu próximo.

Sentiremos muito a sua falta e esperamos, um dia, voltar a vê-lo na Pátria Celeste.

À sua esposa e filhos endereçamos os nossos sentimentos e oramos a Deus para que lhes conceda o bálsamo do Seu amor e paz.



*Helena Romba
Dir. Dep. de Comunicação*

Batismo

“Assim será a palavra que sair da minha boca, ela não voltará para mim vazia, antes fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a envie” (Isaías 55:11).

Em 1990, o Marcelo conheceu a mensagem Adventista no Brasil. Passado algum tempo, recebeu uma proposta para vir trabalhar para Portugal.

Para encontrar novamente Jesus, chega a frequentar outras igrejas, mas o seu coração não se sente satisfeito.

Em 2006, um seu amigo adventista convida-o a fazer parte de um pequeno grupo de oração, que se reúne todas as terças-feiras em São Brás de Alportel.

Marcelo concordou e, pouco a pouco, foi-se envolvendo e preenchendo o seu vazio com a presença de Jesus. Através do casal Denise e Gilson Pagani, Marcelo recebeu estudos bíblicos, fez o curso “A Fé de Jesus” e aceitou Jesus como seu Salvador. Ele confessa que enfrentou uma luta interior muito grande, já que tinha um emprego seguro em Portugal e tinha medo de o perder por causa da guarda do Sábado. Ao lado do mandamento “Lembra-te do dia do Sábado, para o santificar” (Êx. 20:8), existia a responsabilidade de cuidar do seu lar, composto pela sua mulher Maria e filhinha Maria Eduarda.

A semente lançada no coração do Marcelo há alguns anos, trabalhada pelo Espírito Santo, deu fruto em Portugal. No final de 2008, Marcelo desceu às águas baptismas da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Faro.

Hoje, o maior desejo de Marcelo é testemunhar sobre Jesus e que a sua mulher e filhinha aceitem também a mensagem.

*Gilson Pagani e Acácio Lopes
Dep. de Comunicação*



A IGREJA NO MUNDO

Malawi

Programa de rádio da ADRA no Malawi obtém condecoração

A Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais (ADRA) no Malawi recebeu a condecoração de Programa Educacional do Ano, oferecido pela Rede de Difusão Radiofónica do Malawi (MBC). O prémio galardoava a programação da ADRA de prevenção do VIH/SIDA e de apoio à família e saúde pessoal.

O programa da ADRA, intitulado Tikuferanji – que significa “Porque estamos a morrer?”, no idioma nativo – aparece na Televisão do Malawi e é transmitido ainda pela estação estatal de rádio MBC. O programa faz parte dum esforço para prevenir a expansão da doença promovendo responsabilidade e comportamento sexual seguro.

“Receber esse prémio é um grande reconhecimento para o trabalho de desenvolvimento e comunicação da ADRA no Malawi”, declarou Emanuel da Costa, director da ADRA naquela nação africana.

As questões relativas ao VIH/SIDA discutidas na programação de rádio da ADRA incluem a importância de testes sanguíneos, uso do preservativo, fidelidade, formação e direitos humanos. Os programas apresentam relatos e sugestões de prevenção na forma de dramas que reflectem o viver diário de muitos nativos.

A Agência Americana Para o Desenvolvimento Internacional (USAID) relata que cerca de 900 000 pessoas, ou 12 por cento da população, vivem com o vírus da sida no Malawi, sendo essa a principal causa de morte no país entre adultos. Mais de meio milhão de órfãos da sida vivem actualmente no

Malawi, um dos mais elevados números por país no mundo. A ADRA do Malawi também coopera com organizações civis, como a Iniciativa Nacional para a Educação Cívica, a Comissão de Liberdades Cívicas, a Comissão de Direitos Humanos e Conselho Consultivo de Direitos Humanos do Malawi, propiciando materiais educacionais. Os tópicos levantados durante essas reuniões criam o fundamento para os dramas do Tikuferanji, explicaram os responsáveis da ADRA.

Costa Rica

Terramoto – ADRA e jovens Adventistas ajudam

Centrado a cerca de 35 km a Noroeste de San Jose, com a magnitude de 6.1, o abalo sísmico que atingiu o país no dia 8 de Janeiro provocou 20 mortos, dezenas de desaparecidos e deixou milhares de pessoas sem água, electricidade e telefone.

O impacto mais forte deu-se na região da Missão do Norte da Costa Rica, com mais de 55 igrejas. Entre os membros de igreja não há mortes a registar, mas alguns perderam as suas casas.

A Universidade Adventista da América Central sofreu danos importantes em vários dos seus edifícios.

A ADRA recolheu alimentos para ajudar os necessitados e cerca de 20 jovens estudantes de medicina adventistas de San Jose proporcionaram ajuda médica à população, no dia a seguir ao terramoto.

Nadia McGill/ANN

O Sermão



da Montanha

No maior de todos os Seus discursos, Jesus revela a essência do que significa ser cristão.

DANIEL S. DAPAAH

O que é o Sermão da Montanha? Porque é tão popular? Qual das suas partes lhe fala a si, pessoalmente?

O Sermão da Montanha (também conhecido como o Grande Sermão) é, sem dúvida, a mais grandiosa composição literária de Mateus. O Sermão é uma obra de arte harmoniosa de ensinamentos religiosos e éticos, contendo temas tão conhecidos como as Bem-aventuranças (Mat. 5:3-12), a oração do Pai Nosso (6:9-13) e a regra de ouro (7:12).

O Sermão teve um impacto enorme na civilização ocidental. Os políticos muitas vezes citam as Bem-

-aventuranças, como uma plataforma para outras declarações. Muitas expressões entraram na nossa língua, ao nível popular, como algumas que até mesmo os não cristãos já ouviram, como “o sal da terra” (5:13), “dar a outra face” (ver 5:39) e “lobos com pele de cordeiro” (ver 7:15). O terceiro presidente dos Estados Unidos, Thomas Jefferson, que repudiava muitos elementos da fé cristã, identificava o Sermão da Montanha, juntamente com os Dez Mandamentos, como sendo a expressão dos princípios morais sobre os quais os Estados Unidos deveriam ser fundados.

Neste artigo, analiso as Bem-aventuranças que se

encontram no evangelho de Mateus. Tradicionalmente, as Bem-aventuranças referem-se a uma colecção de oito frases existentes em Mateus 5:3-10. (O Sermão da Montanha de Lucas 6:20-23 tem quatro bem-aventuranças, e o evangelho de João tem apenas uma, em 20:29. Sete bem-aventuranças aparecem no livro de Apocalipse, sob a forma de afirmações isoladas [Apoc. 1:3; 14:13; 16:15; 19:9; 20:6; 22:7; 22:14]). O termo “bem-aventurança” (beatitude) deriva do latim *beati* (que significa “abençoados” ou “felizes”). O termo grego *makarios* tem exactamente o mesmo significado.

O Mestre dos mestres

Mais do que qualquer outro ensinador de moralidade, Jesus ensina com poder e autoridade (*exousia*) divinos, e, através desse poder torna possível uma nova existência. A cena passa-se na Galileia, numa montanha não identificada, onde Jesus reuniu os Seus discípulos ao Seu redor.

É interessante que, em Mateus, vários acontecimentos importantes tiveram lugar em ambientes de montanha: as tentações (4:8); a transfiguração (17:1), e a despedida dos discípulos (28:16).

Existem inegáveis paralelos entre o ambiente de Mateus 5:1 e a história de Moisés e os filhos de Israel no Monte Sinai (Êx. 19). Foi numa montanha que o mensageiro da revelação divina do Velho Testamento se encontrou com Deus e recebeu os Dez Mandamentos (Êx. 20). Segundo Mateus, Jesus Cristo, o revelador do Novo Testamento, fala aos Seus discípulos numa montanha (Mat. 5:1, 2).

Para os cristãos, depois dos Dez Mandamentos, que são considerados a expressão da vontade de Deus, as Bem-aventuranças de Mateus 5 são vistas como a expressão sucinta dos valores que Jesus considerava prioritários. Nas Bem-aventuranças, Jesus transmitiu consolo aos discípulos que se tinham reunido à Sua volta e aos Seus futuros seguidores.

O Sermão contém nove bem-aventuranças: 1) “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos Céus.” 2) “Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados.” 3) “Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a Terra.” 4) “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos.” 5) “Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia.” 6) “Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus.” 7) “Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus.” 8) “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos Céus.” 9) “Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra

vós, por Minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos Céus” (5:3-12).

Os pobres de espírito

As duas primeiras bem-aventuranças revelam uma série de paralelismos com Isaías 61. O profeta Isaías falava das futuras bênçãos que o Ungido do Senhor derramaria sobre os marginalizados da sociedade. “O Espírito do Senhor Jeová está sobre Mim; porque o Senhor Me ungiu, para pregar boas novas aos mansos: enviou-Me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura da prisão aos presos; a apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os tristes” (Isa. 61:1, 2).

O Novo Testamento aplicou a profecia de Isaías 61 aos acontecimentos messiânicos ou escatológicos (do tempo do fim). Jesus citou a profecia de Isaías para abençoar os pobres e lhes prometer participação no futuro reino de Deus. E ao falar aos discípulos, Jesus tinha a noção de ser Ele o Ungido por Deus e que tinha recebido o Espírito para concretizar as bênçãos prometidas (Lucas 4:16-21; Mat. 11:5). Embora a salvação final, planeada por Deus, ainda esteja no futuro, em Jesus o processo de salvação já começou. Em Jesus, os pobres de espírito (ou seja, aqueles que humildemente reconhecem que necessitam de um Salvador) entrarão no reino de Deus (“reino dos céus” é uma expressão típica de Mateus para falar da soberania de Deus).

Deus nunca ficou impressionado com a força ou com a auto-suficiência humanas. Em vez disso, Ele sente-Se atraído pelas pessoas que são fracas e que reconhecem que o são. Segundo Jesus, esta é a primeira atitude que Deus abençoa. Ser pobre de espírito é um reconhecimento tácito da nossa necessidade de dependermos de Deus; torna-nos humildes e previne a arrogância. A primeira bem-aventurança é uma boa notícia para todos nós, já que nenhum de nós é auto-suficiente.

Os que choram

A segunda bem-aventurança é uma variante da primeira. “Os que choram” é outra forma de falar dos que precisam da ajuda de Deus: Segundo João, o revelador, o próprio Deus “limpará dos seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas” (Apoc. 21:4). Mas Jesus, através do Seu ministério, já trouxe boas novas aos pobres e consolo aos tristes.

Os mansos

A terceira bem-aventurança, influenciada pelo Salmo 37:11 e por Isaías 60:21; 61:7, salienta a virtude da mansidão. A conquista da Terra Prometida, que

muitas vezes é mencionada como “herdar a terra” (ver Deut. 4:1), focalizava a ideia de que não seria tanto o resultado do esforço humano mas sim um dom de Deus. O próprio Jesus era manso, humilde e gentil, e Ele pediu aos Seus seguidores que O imitassem enquanto se preparavam para herdar o reino (Mat. 11:28-30; 25:34).

Os famintos de justiça

Por detrás da *quarta bem-aventurança* está a ideia da fidelidade de Deus ao concerto com o Seu povo. Diz-se que uma pessoa é justa ou que tem justiça se essa pessoa é “recta aos olhos de Deus”; quer dizer, se essa pessoa vive na prática o relacionamento do concerto com Deus e com o próximo. A justiça é um dom de Deus (Isa. 61:3), e é constantemente usada em Mateus com referência a obedecer e fazer a vontade de Deus (3:15; 5:20; 6:1, 33; 21:32). Deus abençoa aqueles que recebem o Seu dom de um relacionamento correcto com Ele e que fazem a Sua vontade.

Os misericordiosos

A *quinta bem-aventurança* descreve uma qualidade de Deus. O conceito bíblico de misericórdia (sobretudo divina) tem duas componentes principais: *o perdão*

concedido ao culpado (ver Êx. 34:6, 7) e *ajuda* para os necessitados (Êx. 22:27). Na quinta bem-aventurança Mateus enfatiza

o perdão como ingrediente principal (ver Mat. 6:14, 15; 18:23-35). Quanto mais expressamos misericórdia para com outros, mais completos ficamos em Deus, ao recebermos a Sua misericórdia (5:48; Lucas 6:36).

Os limpos de coração

Como pano de fundo da *sexta bem-aventurança* está o Salmo 24:3-6. A bem-aventurança liga a pureza de coração à possibilidade de acesso a Deus. O contraste entre pureza ritual e pureza de coração, que se centra num comportamento justo e misericordioso, é um tema forte nos ensinamentos de Jesus e de especial interesse para Mateus (5:21-48; 9:13; 12:7). Jesus apela a que actuemos com base em motivos puros, como a reconciliação, a bondade e a misericórdia. Os discípulos de Jesus imitam o seu Mestre ao expressarem acções de amor que não tem limites.

Os pacificadores

A *sétima bem-aventurança* refere-se ao estabelecimento da paz e da concórdia entre os seres humanos. Alguns têm comparado o Monte das Bem-aventuranças de Mateus ao Monte de Sião do tempo do fim, apontando

para Isaías 2:1-4, como sendo o pano de fundo da sétima bem-aventurança.

A paz é um dom de Deus, e o Velho Testamento apresenta Deus como o principal pacificador. No Novo Testamento, Jesus, o Ungido de Deus, é apresentado como sendo a nossa paz, unindo os judeus e os gentios através da Sua morte (Efé. 2:14). Esta bem-aventurança promete que os pacificadores, de alguma maneira, participam na filiação obediente de Jesus (Mat. 3:17; 4:3, 6) e tornam-se parte da nova comunidade de Deus.

Os que sofrem perseguição

A *oitava bem-aventurança* é um recordação, como se necessitássemos de uma, de que a essência do cristianismo é contra-cultural. Os seguidores de Cristo, dando continuidade à experiência dos heróis da fé através da história sagrada (Heb. 11), serão chamados a suportar aflições espirituais, emocionais e físicas ao tentarem honrar Deus e o Seu reino.

A *nona e última bem-aventurança*, a única expressa na segunda pessoa (“bem-aventurados sois vós...”), deixa claro o tema do discipulado, que está no centro de todo o Sermão. A bem-aventurança põe lado-a-lado um aviso acerca da iminente rejeição dos seguidores de

Jesus e a promessa de um rico galardão no reino futuro. Aqueles que são perseguidos devido à sua relação com Jesus são verdadeiramente abençoados.



As Bem-aventuranças revelam a realidade da mensagem do reino de Deus.

Com uma nova urgência

As Bem-aventuranças revelam a realidade da mensagem do reino de Deus, que Jesus, o ‘novo Moisés’, apresenta ao povo de Deus. Embora o imperativo moral das Bem-aventuranças não possa ser negado, elas também actuam como consolo e promessa para aqueles que se mantêm fiéis ao seu discipulado e à causa do reino de Deus: “Mas, buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mat. 6:33).

As Bem-aventuranças são simplesmente a lei do velho concerto, com uma nova dimensão: o tão esperado reino de Deus está a nascer com a presença de Jesus, o nosso mediador e Redentor. O concerto agora tem uma nova urgência. Nas Bem-aventuranças somos confrontados com as exigências de Deus na sua forma mais forte, e somos convidados a obedecer. ■

Daniel S. Dapaah
Professor Associado de Teologia
Centro de Estudos Teológicos John Leland
Arlington, Virginia, EUA



Como Evitar a Apostasia...

Poderá um crente sincero cair um dia na armadilha da apostasia?

Creio que é muito importante o ponto de partida da vida cristã. Naturalmente que não é decisivo, mas é sem dúvida de valor primordial. Será como uma árvore que se começa a formar a partir das raízes, e quanto mais ela estiver ligada ao húmus, tanto mais cresce saudável e robusta.

Mesmo assim poderá um tal crente tombar na apostasia? Infelizmente, parece que devemos responder afirmativamente a esta pergunta, ao mesmo tempo que se deve registar o anseio de todos nós.

Qual anseio? Que todos pudéssemos iniciar a nossa vida cristã da forma mais agradável possível, isto é, passando por uma autêntica e genuína conversão através da nossa própria experiência pessoal com Deus.

A apostasia tem consequências muitas vezes lentas, mas sempre progressivas e que deixam marcas na personalidade, tantas vezes inapagáveis. Aqueles que são predominantemente espirituais, e por certo que todos nós o somos, sabemos o que está em causa e conhecemos directa ou indirectamente os resultados malévolos desse caminho errado – porque é contrário à vontade de Deus.

“Há caminho que ao Homem parece direito mas o seu fim são os caminhos da morte” (Prov. 16:25).

Evitar a apostasia devia ser, pois, uma tarefa, um empenho, uma preocupação salutar de todos nós. Quando viajamos num caminho que não conhecemos temos de prestar muita atenção, pois podemos ter alguns sérios incómodos. E é assim o caminho da vida,

dado que, e no dizer da Escritura, nem sabemos sequer o que nos trará o amanhã.

“Vós que dizeis: hoje ou amanhã, iremos a tal cidade e lá estaremos um ano e vamos fazer contratos e ganhar. Digo-vos que não sabeis o que acontecerá amanhã” (Tiago 4:13).

Devemos, pois, estar vigilantes não se dê o caso de cairmos numa das muitas armadilhas com que a existência pode surpreender-nos e o inimigo pôr, mesmo ao nosso lado, à beira dos nossos pés.

“Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como um leão, buscando a quem possa tragar” (I Pedro 5:8).

Quão fácil é simplesmente dizer “Jesus me livrará do laço do passarinho”, etc., etc., e a nossa ardilosa e solitária convicção concluir que nada ou pouco temos a fazer para prevenir a colisão com as situações que podem conduzir a nefastas armadilhas. Algumas experiências mostram-nos o engano dessa maneira de pensar.

“Aquele que está de pé, olhe não caia” (I Coríntios 10:12).

Com oração, comunhão com Jesus, e com o trabalho missionário – partilha do nosso testemunho e do Evangelho – podemos estar mais seguros no sucesso sob a bendita e sublime graça de Deus. ■

José Manuel de Matos
Pastor aposentado

Encontro Nacional
Igreja de Coimbra

25 de Abril

Dia das Publicações

Dia do Colpportor

Programa

Manhã:

9:45h Escola Sabatina

Culto - Pr. Artur Machado

Tarde:

16h Partilha de Testemunho

Participação de Grupos Musicais



Liga o programa em directo em:
www.igrejaadventistacoimbra.net

Dia do Colpportor Jovem



DIGA AO MUNDO
Mas... quem vai dizer ao mundo inteiro?

Encontro Nacional
Igreja de Alvalade

2 de Maio



Departamento dos Ministérios de Publicações publicacoes@adventistas.org.pt